

ANGELA ALES BELLO

Introdução à Fenomenologia

 EDUSC

ANGELA ALES BELLO

INTRODUÇÃO À FENOMENOLOGIA





JS

PSI

slideshare.net/jsfernandes/documents

Coordenação Geral

Ir. Elvira Milani

Coordenação Editorial

Ir. Jacinta Turolo Garcia

Coordenação Executiva

Luzia Bianchi

Comitê Editorial Acadêmico

Ir. Elvira Milani – *Presidente*

Glória Maria Palma

Ir. Jacinta Turolo Garcia

José Jobson de Andrade Arruda

Marcos Virmond

Maria Arminda do Nascimento Arruda



FILOSOFIA & POLÍTICA

Introdução à Fenomenologia

Angela Ales Bello

Tradução

Ir. Jacinta Turolo Garcia
Miguel Mahfoud

*Texto editado a partir de Palestras da Profª Angela Ales Bello
editadas por*

Miguel Mahfoud
Silvio Motta Maximino



Rua Irmã Arminda, 10-50
CEP 17011-160 - Bauru - SP
Fone (14) 2107-7111 - Fax (14) 2107-7219
e-mail: edusc@edusc.com.br

A371i

Ales Bello, Angela.

Introdução à fenomenologia / Angela Ales Bello ;
tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud.
Bauru, SP : Edusc, 2006.

108 p. ; 21 cm. -- (Coleção Filosofia e Política)

Inclui bibliografia.

ISBN 85-7460-329-5

I. Fenomenologia I. Título. II. Série.

CDD 142.7

Copyright© – EDUSC, 2006

Texto editado por Miguel Mahfoud e Silvio Motta Maximino,
a partir do curso ministrado pela Professora Angela Ales Bello
na Universidade do Sagrado Coração, Bauru (SP) em 2004.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

- 9 Experiência vívida e reflexão sistemática

13 INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

- 17 O que é fenômeno e Fenomenologia?

CAPÍTULO 2

- 21 A Fenomenologia como método

- 22 Primeira etapa

*A busca do sentido dos fenômenos:
a redução eidética*

- 26 Segunda etapa

*Como é o sujeito que busca sentido:
a redução transcendental*

CAPÍTULO 3

- 45 A consciência e as estruturas universais

CAPÍTULO 4

- 57 A síntese passiva: fase anterior à percepção

CAPÍTULO 5

- 61 O Eu, o outro e o nós: a entropatia

CAPÍTULO 6

- 69 A intersubjetividade: as modalidades de
associação e a pessoa
- 70 *Massa: predominância corpóreo-psíquica –
impulsos utilizados por projetos alheios*
- 73 *Comunidade: vínculos corporais, psíquicos
e espirituais*
- 75 *Comunidade e sociedade*
- 76 *Povo, nação, estado e comunidade*

CAPÍTULO 7

- 85 A análise das vivências para um fundamento
das ciências
- 88 *A criação evolui: a história da natureza
indica uma teleologia*

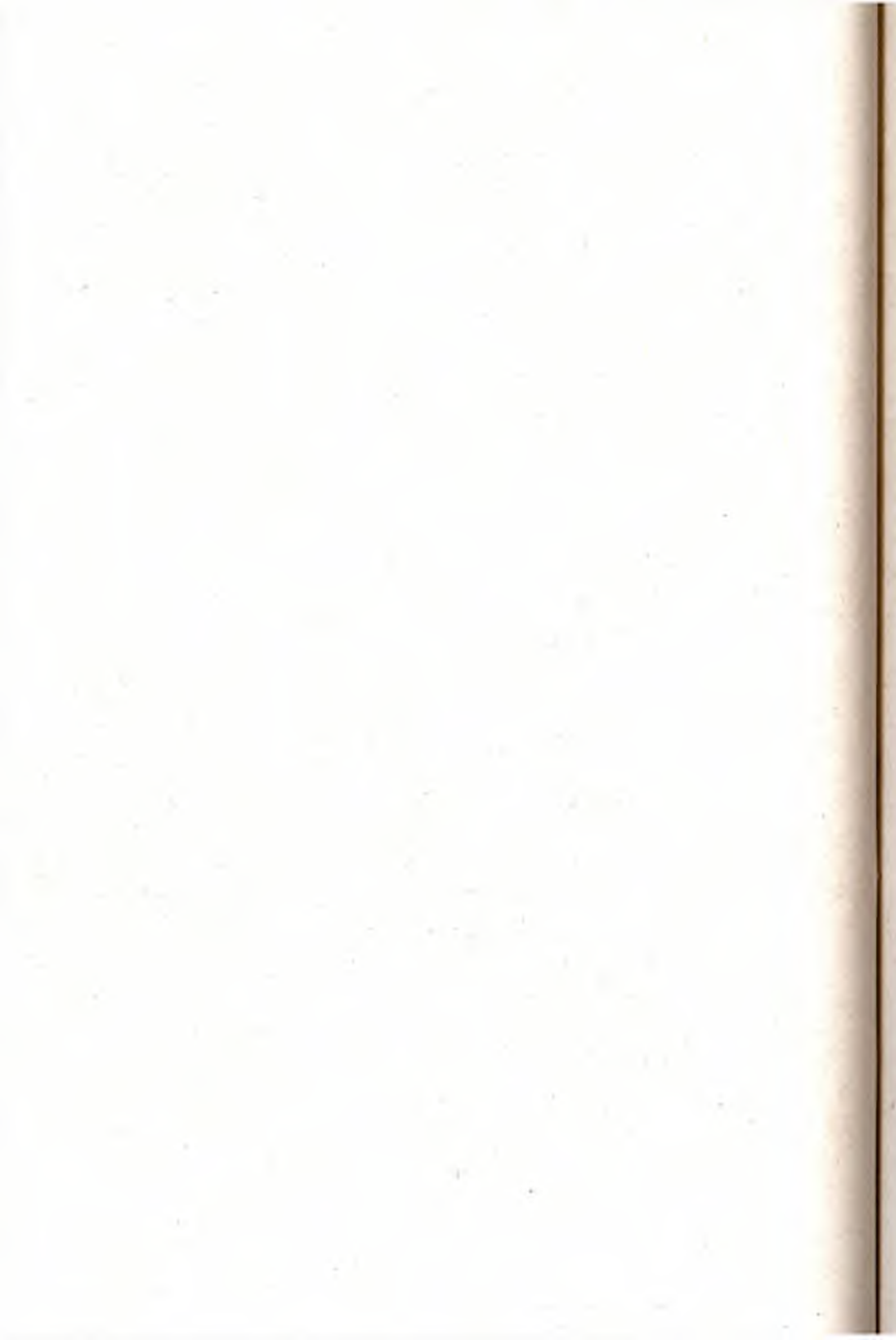
CAPÍTULO 8

- 93 O método fenomenológico husserliano
e o existencialismo

CAPÍTULO 9

- 97 Os atos específicos da busca religiosa

- 103 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



APRESENTAÇÃO

EXPERIÊNCIA VÍVIDA E
REFLEXÃO SISTEMÁTICA

Temos à mão uma verdadeira *Introdução à Fenomenologia*. Fiel ao rigor metodológico, típico da fenomenologia, a Prof^a Angela Ales Bello nos convida a percorrer o inteiro percurso husserliano. Magistralmente, somos provocados, na contemporaneidade, a atentar ao que nos está à volta e à própria experiência interna. E, com surpresa, advertimos que, aqui, experiência vívida e reflexão sistemática podem efetivamente não estarem cindidas.

A novidade é que não se apresenta apenas discursivamente uma tal possibilidade de unidade, mas somos conduzidos a reconhecer a vivência – através do método interrogativo husserliano – com surpreendente simplicidade de forma que a introdução ao campo fenomenológico, tão sofisticado, começa a nos parecer familiar, começamos a nos sentir em casa, porque começamos a atentar ao mundo mais conscientes dos próprios recursos e do próprio eu.

O percurso introdutório, aqui, apresentado é fruto do curso que a professora da Pontifícia Universidade Lateranense de Roma ministrou no Brasil, na Universidade do Sagrado Coração, em Bauru (SP), em 2004. A linguagem foi propositalmente mantida em tom coloquial para que se possa ter contato com a vitalidade da mestra e com suas elaborações que emergem da relação pedagogia cheia de ideal.

Essa postura de Ales Bello faz com que suas obras tenham grande receptividade em nosso país, havendo já várias publicações brasileiras que se tornaram referência. Talvez a força criativa e geradora de sua posição intelectual se documente, mais intensamente, na articulação entre os diversos grupos de pesquisa e as diversas universidades brasileiras que vêm frutificando a partir de suas visitas acadêmicas ao Brasil. Este livro foi gerado nesse ambiente de tecitura de relações, na convivência preciosa entre professores e alunos. A Universidade do Sagrado Coração com a Profª Ir. Jacinta Turolo Garcia, a Universidade Federal de Minas Gerais com o Prof. Miguel Mahfoud, a Universidade de São Paulo com a Profª Marina Massimi, a Universidade Católica de Salvador com o Prof. João Carlos Petrini se descobrem assumindo desafios da pesquisa e do ensino da Fenomenologia, e se surpreendem com horizontes cada vez mais abertos a partir de uma clara e vitalizada rede de relações intelectuais.

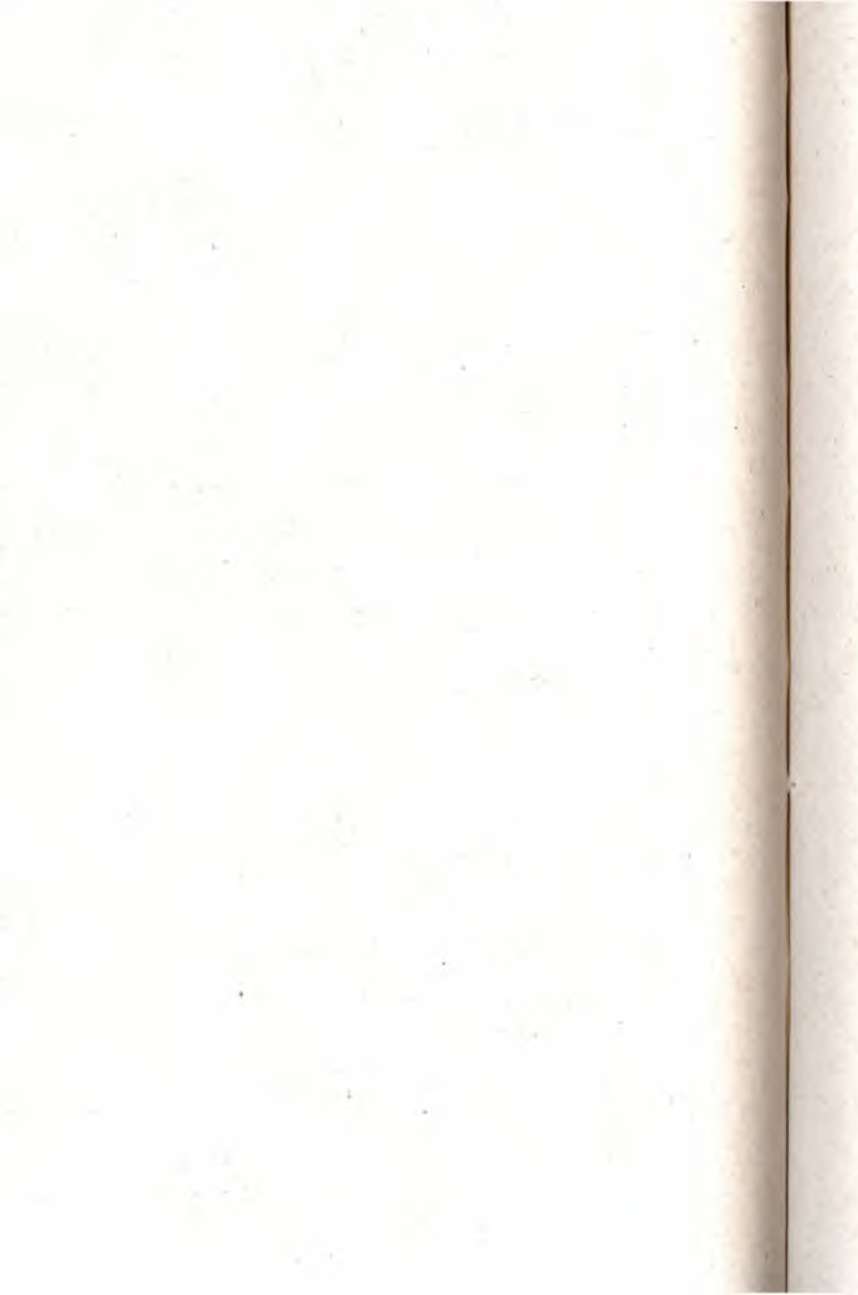
Por tudo isso, agradecemos à Profª Angela Ales Bello, e a todos os que têm se dedicado, com decisão

operativa, para que a sua presença no Brasil continue a frutificar em cultura real.

Um especial agradecimento aos pesquisadores do Programa de Iniciação Científica do LAPS – Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, da Faculdade de Psicologia da UFMG, que trabalharam com cuidado evidente na transcrição e textualização das gravações do curso original, possibilitando que o presente volume seja uma realidade fecunda para muitos. Destacamos os seguintes nomes: Alyne Rachid Ali Scofield, Ana Paula Martins Lara, Amanda Carvalho Padilha, Camila Freitas Caniello, Cláudia Coscarelli Salum, Liz Hellen Vitor, Paulo Roberto da Silva Júnior, Roberta Vasconcelos Leite e Yuri Elias Gaspar.

Miguel Mahfoud

Belo Horizonte, 15 de agosto de 2006.



INTRODUÇÃO

Uma dificuldade para estudar a Fenomenologia de Edmundo Husserl é que ele nunca chegou a escrever uma obra apresentando todo o seu percurso investigativo. A cada obra sublinha certo aspecto do percurso integral, num caminho analítico, partindo de um esquema geral. Passo a passo, ele vai chegando a uma consciência completa das diversas vivências, e continuamente se pergunta: “Qual é o significado do ato que estou operando?”, e ao mesmo tempo: “Qual é a formação que permite tais atos?”.

Seus livros são resultado de compilações de esboços de aulas ou de suas anotações pessoais. Muito de sua vasta obra, até hoje, não chegou à publicação. Como sua análise é muito detalhada, atentando com rigor para cada aspecto, ele nunca chegou a formular uma síntese geral e isso dificulta conhecer o pensamento husserliano.

O presente volume quer contribuir com a apresentação do processo investigativo, em todo o arco do pro-

cesso metodológico, empreendido pelo fundador da Fenomenologia, de tal modo que as análises típicas de cada passo sejam examinadas com rigor, sem se perder o horizonte de totalidade.

Husserl escreve livros de temas específicos. Os primeiros são de Antropologia Filosófica, começando a discutir o que é entropatia, para chegar a discutir o que é o ser humano. Esse é um caminho mais didático, mais organizado. Edith Stein que transcrevia os manuscritos de Husserl fez o trabalho de transcrição e edição da segunda parte da obra "*Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica*", que é um livro muito importante do ponto de vista metodológico.

O percurso que o leitor encontra aqui está baseado principalmente no primeiro¹ e segundo² volumes de *Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica*, e busca-se indicar a conexão com outras obras fundamentais de Husserl e de sua discípula Edith Stein.

Edith Stein, ao escrever *Psicologia e ciências do espírito*³, foi elaborando a distinção husserliana entre psi-

1 HUSSERL, E. *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. 2. ed. Traducción de J. Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. Libro I.

2 HUSSERL, E. *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*. Organizzazione di V. Costa, traduzione di E. Filippini. Torino: Einaudi, 1965. v. II (libri II e III).

3 STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.

que e espírito e dedicou-se a explicitar a direção de todo o percurso da pesquisa fenomenológica. De bom grado propomos, nesta *Introdução à Fenomenologia*, as referências indispensáveis de Stein.

Faz-se, aqui, o percurso das análises das vivências, identificando a dimensão do espírito, continuamente se interrogando “o que significa?”, para chegar a identificar as conseqüências importantes que os resultados alcançados indicam no campo de toda experiência humana e no campo científico em particular.

A Sociologia, a História, o Direito são *ciências do espírito*, mas em geral não se sabe o que é a sociedade, o que significa “direito”, o que é o aspecto intersubjetivo e o ético, o que são as relações humanas. As ciências humanas não podem se constituir efetivamente sem a apreensão adequada do que vem a ser a dimensão espiritual em sua relação com a psique e com a corporeidade. Assim, também a Psicologia não poderá, adequadamente, se constituir como psicologia humana sem considerar a dimensão psicológica em suas conexões com a dimensão espiritual.



O QUE É FENÔMENO E FENOMENOLOGIA

Quando e como a Fenomenologia começou? A Fenomenologia é uma escola filosófica cujo pai e mestre é Edmund Husserl. Começou na Alemanha em fins do século 19 e na primeira metade do século 20¹.

Por que se chama *Fenomenologia*? Esta palavra é formada de duas partes, ambas originadas de palavras gregas, como sabemos. “Fenômeno” significa *aquilo que se mostra*; não somente aquilo que *aparece* ou *parece*. Na

1 E. Husserl (1859-1938) publicou sua obra fundante da fenomenologia, intitulada *Investigações lógicas*, em 1901. Em português pode ser consultado em HUSSERL, E. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Tradução de Z. Loparic e A. M. A. C. Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

Tradução da obra na íntegra pode ser encontrada em espanhol: HUSSERL, E. *Investigationes lógicas*. Traducción de J. Gaos. Madrid: Alianza, 1985. 2 v.

linguagem religiosa, utilizamos também o termo *epifania* para falar de algo que se manifesta, que se mostra. “Logia” deriva da palavra *logos*, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. Vamos tomar *logos* como pensamento, como capacidade de refletir². Tomemos, então, fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. O nosso problema é: o que é que se mostra e como se mostra.

Quando dizemos que alguma coisa se mostra, dizemos que ela se mostra a nós, ao ser humano, à pessoa humana. Isso tem grande importância. Em toda a história da filosofia sempre se deu muita importância ao ser humano, àquele a quem o fenômeno se mostra. As coisas se mostram a nós. Nós é que buscamos o significado, o sentido daquilo que se mostra.

Num primeiro momento, podemos pensar que aquilo que se mostra esteja ligado ao mundo físico diante de nós, mas do que dizer “as coisas se mostram”, precisamos dizer que “percebemos, estamos voltados para elas”, principalmente para aquilo que aparece no mundo físico.

Quando dizemos “coisas”, normalmente indicamos coisas físicas, por exemplo, a mesa, a cadeira. Sabemos, porém, que não tratamos apenas do significado de coisas físicas, mas também das abstratas. Por exemplo, a

2 Essa utilização do termo serve para qualquer palavra que tem o sufixo “logia”: psicologia se refere à reflexão sobre o psíquico, sociologia se refere à reflexão sobre o social, e assim por diante.

palavra latina *república*, que usamos para dizer *coisa pública* não se refere à coisa física, mas a um conjunto de situações. Significado das coisas culturais, eventos, fatos, que não são de ordem estritamente física.

Todas as coisas que se mostram a nós, tratamos como fenômenos, que conseguimos compreender o sentido. Entretanto o fato de se mostrarem não nos interessa tanto, mas, sim, compreender o que são, isto é, o seu sentido. O grande problema da filosofia é buscar o sentido das coisas, tanto de ordem física quanto de caráter cultural, religioso etc, que se mostram a nós.

Então, para compreender o sentido, nós devemos fazer uma série de operações, pois nem sempre compreendemos tudo imediatamente, que consiste em identificar o sentido, os fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta a nós.



A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO

Husserl diz que para compreendermos esses fenômenos, devemos fazer um caminho. A palavra grega para designar caminho é *méthodo*. Essa palavra também é formada de duas partes: “*odos*”, que significa estrada e “*meta*”, que significa por meio de, através. Temos, portanto, necessidade de percorrer um caminho e essa é uma característica da história da filosofia ocidental, que sempre fez esse caminho para se chegar à compreensão do sentido das coisas¹. Segundo Husserl, o caminho é formado de duas etapas:²

-
- 1 Sobre os pressupostos histórico-filosóficos da fenomenologia, cf. ALES BELLO, A. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Organização e tradução de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusp, 2004.
 - 2 Uma discussão sobre as etapas do método fenomenológico pode ser encontrada HUSSERL, E. *Ideas relativas a uma fenomenologia pura y una filosofía fenomenológica*. 2. ed.

PRIMEIRA ETAPA A BUSCA DO SENTIDO DOS FENÔMENOS: A REDUÇÃO EIDÉTICA

Posso compreender o sentido das coisas? Essa é uma grande pergunta, e muito crítica também. A resposta de Husserl é que o ser humano pode compreender o sentido das coisas. Até a nossa experiência quotidiana nos diz que, para nos orientarmos, devemos saber qual é o sentido das coisas. Porém, aqui o discurso fica um pouco mais complicado, porque Husserl mostra que em relação a algumas coisas nós temos a capacidade de identificar o sentido imediatamente, quanto a outras, temos mais dificuldade. Nós intuimos o sentido das coisas, e para tratar desse tema, usamos a palavra, de origem latina, *essência*, portanto captamos a essência pelo sentido. Husserl usa também a palavra grega *eidos* (de onde vem a nossa palavra *idéia*, que neste caso não significa tanto um produto da mente, mas sentido), aquilo que se capta, que se intui.

Façamos uma experiência semelhante às que Husserl propõe: alguém bate a mão sobre a mesa, identifi-

Traducción de J. Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. Libro I. Cf. também em ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998 e a introdução de ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 2000.

co logo que é um som. Todos nós identificamos esse som. Como o fazemos? Imediatamente, intuitivamente. Escutamos qualquer coisa e dizemos “é um som”. Sempre o fazemos assim, se não pudermos fazer, é por algum problema, mas não havendo problema, somos capazes de intuir, isto é, colocar em perspectiva a essência, o sentido da coisa.

Esse é um exemplo de uma coisa física, porém alguém poderia dizer “sinto ódio” ou “sinto dor” e nós sabemos do que se trata, podemos até fazer uma análise para explicar qual o sentido pois sabemos, imediatamente, qual é a experiência de ódio ou de dor e até poderíamos nos dedicar a fazer uma análise para compreendê-las melhor, justamente por já conseguirmos partir de um ponto essencial.

Husserl afirma que para o ser humano é muito importante compreender o sentido das coisas, mas nem todas as coisas são imediatamente compreensíveis. De qualquer modo, compreender o sentido das coisas é uma possibilidade humana. Como o que nos interessa é o sentido das coisas, deixamos de lado tudo aquilo que não é o sentido do que queremos compreender e buscamos, principalmente, o sentido. Husserl diz, por exemplo, que não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato.

Este é um ponto muito importante: existem os fatos? Certamente, existem. Mas não nos interessa os fatos enquanto fatos, interessamo-nos pelo sentido deles. Por isso posso também “colocar entre parênteses” a existência dos fatos para compreender sua essência. Esse é um argumento para quem diz que importantes são os fatos. Certo, importantes são os fatos, mas o que são fatos? É este o

ponto. E aqui está toda uma polêmica com outra corrente filosófica contemporânea a Husserl, o Positivismo³.

O Positivismo considera muito importante os fatos, sobretudo assumidos como tais pelas ciências físicas. No entanto, Husserl diz que os fatos existem e são fatos. Mas o que são? Por exemplo, a ciência física olha a natureza, dá-se conta dos fatos da natureza, mas o que são esses fatos? Ou ainda, as ciências sociais olham a sociedade, mas o que é a sociedade? Qual é seu sentido? Fazemos tantas análises da sociedade sem saber do quê se trata. Não basta dizer que existem, e esta é uma das polêmicas de Husserl no confronto com o Positivismo, mas também com todas as ciências da natureza e as ciências humanas.

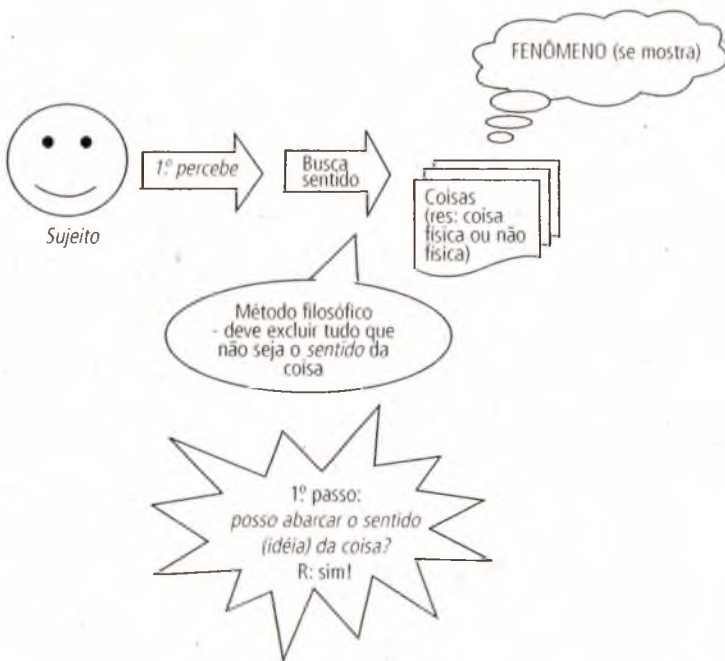
A mentalidade positivista está ainda muito presente em nossos dias, ainda que não a chamemos de positivista. Assim, compreende-se, cientificamente, um fato, mas se compreende tudo? Às vezes, não, mas nem todos podem ser filósofos, porém é importante saber que existem outras dimensões de pesquisa. O que as ciências podem responder diante da pergunta “o que é verdade?”. Faz-se tentativas para se aproximar dela, mas a verdade, do ponto de vista humano, reside no sentido, não no fato.

3 Para um aprofundamento da questão da fenomenologia contra o positivismo, cf. o último livro de Husserl enquanto vivo: *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*: HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*: per un sapere umanistico. Prefazione di E. Paci, introduzione di W. Biemel, traduzione di E. Filippini. Milano: Net, 2002.

Até agora somente as ciências físicas responderam o que é a natureza. No entanto, basta a ciência física para resolver essa questão? Bastam as ciências humanas para dizer o que é o ser humano? Não bastam. Elas descrevem alguns aspectos do ser humano, assim como as ciências da natureza descrevem alguns outros. Mas a questão do sentido é um problema de fundo de toda a história da filosofia ocidental, pois a filosofia é a busca do sentido, e não dos aspectos do objeto. Estes devem ser examinados, ninguém diria que não, mas é necessário ir mais fundo, escavar mais, em diferentes níveis, pois os níveis mais superficiais são tratados na Idade Moderna e Contemporânea, na Antigüidade a elaboração foi muito mais complexa. Por essas razões, Husserl, no seu tempo, polemiza contra o Positivismo.

A intuição do sentido é o primeiro passo do caminho e revela ser possível captar o sentido.

Figura A



SEGUNDA ETAPA COMO É O SUJEITO QUE BUSCA O SENTIDO: A REDUÇÃO TRANSCENDENTAL

A característica da pesquisa de Husserl é a pergunta "Por que o ser humano procura sentido?", e também, "Quem é este ser humano?" "Como é feito este ser humano que busca sentido?". Aqui começa uma análise do ser humano ou, utilizando a linguagem filosófica, do *sujeito*.

Na segunda etapa do método fenomenológico, é, justamente, sobre o sujeito que se faz uma reflexão. Refletimos dizendo quem somos nós. A novidade de Husserl é exatamente essa análise do sujeito humano, ponto de partida de sua investigação.

Para realizar a análise do sujeito faremos um exercício, comecemos por dizer que estamos diante de um copo d'água. Vemos, sobre a mesa, o copo que antes já estava lá, podíamos vê-lo, mas não tínhamos prestado atenção nele. Esta é uma coisa interessante que apresenta dois níveis. Antes víamos os copos mas não fazíamos uma reflexão, talvez porque não estivéssemos com sede. Agora, tenho sede e começo a prestar atenção. Estamos refletindo um pouco sobre o tema do "ver o copo". Antes estávamos cômicos, sabíamos ter visto o copo sem ter feito uma reflexão a respeito. Todos nós tínhamos já uma *experiência perceptiva* do copo, que estava em nós, dentro de nós, mas o copo, fora. Porém, no momento em que tivemos uma experiência perceptiva do copo, ele estava também dentro de nós. De que modo estava dentro? Nós sabíamos que o copo existia, portanto estar dentro significa saber que o copo existe. Enquanto estávamos vivendo o *ato perceptivo* (o ato de ver o copo), poderíamos perguntar do que esse ato era formado. Sabemos que esse ato perceptivo era formado pelo ver o copo e também pelo copo, ali, diante dos olhos. Enquanto coisa física, enquanto existente, onde estava o copo? Estava fora. Porém, enquanto visto, onde estava? Dentro. Temos aí, o ato de ver, e enquanto vivemos o ato, estamos vivendo o copo-visto dentro de nós.

Outro experimento, desta vez com a mão. Toco a caneta, a mesa etc. Enquanto toco, há o ato de tocar, estou tocando, estou vivendo a experiência de tocar. Há uma coisa que é tocada. Enquanto existente, onde está? Fora. Mas enquanto coisa tocada onde está? Dentro. Enquanto tocada, ela se torna minha.

Existe uma distinção entre a coisa-tocada e nós que a estamos tocando. Agora, estamos entrando no território do ser humano, no território do conhecimento, da consciência que um ser humano pode ter das coisas – frequentemente estudado pela Filosofia, e continuando temos caminhos que também são estudados pela Psicologia.

O Ato perceptivo como acesso ao sujeito

Como Husserl chegou a se interessar pelo ato perceptivo?

Husserl, cuja formação pessoal era matemático, se perguntava: Mas o que é a Matemática? O que é isso que estou estudando? Do ponto de vista da Aritmética, o que significa dizer que aqui existem seis copos? Como posso chegar a esse seis? Ele começou com reflexão sobre a numeração – operação fundamental da Matemática – fazendo uma tese⁴ e posteriormente vários estudos⁵ para

4 Husserl doutorou-se com uma tese sobre cálculo das variações pela Universidade de Viena, em 1882.

5 HUSSERL, E. *Philosophie de l'arithmétique: recherches, psychologiques et logiques*. Trad., notes, remarques et index J. English. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

responder a essas perguntas, sem nunca ter freqüentado estudos de filosofia, partindo de uma reflexão interior, filosófica, ainda como matemático.

Husserl procurou uma resposta para suas perguntas, antes de chegar a lecionar nas universidades de duas importantes cidades de língua alemã: Halle e Göttingen, na Morávia. Na primeira parte de sua vida, permaneceu por muito tempo em Viena, capital da Áustria, onde havia um professor universitário muito importante (alemão de origem italiana) chamado Franz Brentano, especialista em filosofia de Aristóteles, que interessava muito por uma nova ciência, a Psicologia e já havia feito muitos estudos sobre os *atos psíquicos*. As aulas de Brentano eram freqüentadas por Husserl, que não era um estudante qualquer, mas formado e com tese em Matemática. Freqüentava essas aulas também um médico chamado Sigmund Freud.

Esse contexto é importante para compreender o experimento do copo que fazíamos há pouco, participando das aulas de Brentano, Husserl começa a ouvir falar de atos psíquicos⁶. Em um primeiro momento, ele pensa que a numeração é uma operação psíquica, uma operação de formar conjuntos, segundo a teoria dos conjuntos. Era um trabalho de Matemática, porém, utilizava uma perspecti-

6 Franz Brentano havia publicado em 1874 sua importante obra *Psicologia do ponto de vista empírico* e Husserl se liga a ele em 1884. Cf. BRENTANO, F. *Psicologia dal punto di vista empirico*. Traduzione e edizione di L. Albertazzi. Bari: Laterza, 1997. 3 v.

va psicológica, um estudo dos atos psíquicos. Posteriormente, Husserl conclui que a numeração não pode estar baseada nos atos psíquicos, pois a operação indica um pensar, e não, exatamente, um ato psíquico⁷.

Dissemos que Husserl foi às aulas de Brentano, onde ouviu falar dos atos psíquicos, e que, inicialmente, pensara em utilizar a interpretação psicológica para fundamentar a Aritmética. No entanto, percebe que a Aritmética não pode se fundamentar na psique. Uma atividade intelectual é necessária também, mas Husserl vai além, abandonando o projeto sobre a Aritmética, sobre a Matemática, ele se volta para o conhecimento humano e recomeça pela *percepção*, destacando que estamos em contato, através das sensações, com o mundo físico o que é percebido por nós. A percepção é uma porta, uma forma de ingresso, uma passagem para entrar no sujeito, ou seja, para compreender como é que o ser humano é feito.

7 Husserl tematiza suas ligações e diferenças com Brentano já na primeira obra propriamente fenomenológica: Cf. HUSSERL, E. *Investigações lógicas*: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. Tradução de Z. Loparic e A. M. A. C. Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores)

Sobre Franz Brentano e Husserl em relação à Psicologia e a fundamentação do conhecimento, cf. também GREUEL, M. V. *O problema da fundamentação do conhecimento*: uma abordagem fenomenológica. 1996. Disponível em: <<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/fundam.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2006.

Na análise que estávamos fazendo do copo, falamos da percepção como um ato que estamos vivendo, porém, nem todo ato que estamos vivendo, que podemos identificar, são de caráter psicológico, por isso a análise se torna muito refinada e requer uma atenção especial.

Dos atos perceptivos à consciência

Analizando cuidadosamente, percebemos que as duas sensações, a da visão e a do tato, são parte de uma estrutura específica⁸. Seja a sensação visível, seja a sensação tátil, ambas, são vividas por nós, mas o que quer dizer “vividas por nós”? Quer dizer que nós registramos, através da nossa capacidade de dar-nos conta. A percepção vai ser resultado do dar-nos conta. Esse “dar-se conta” é a consciência de algo, por exemplo, a consciência de tocar alguma coisa. Nós conseguimos registrar os atos de ver e tocar, mas onde nós registramos esses atos e como os registramos? Aqui está a novidade, pois Husserl diz que o ser humano tem a capacidade de ter consciência de ter realizado esses atos, enquanto ele está vivendo esses atos, sabe que os está realizando. Sabe que está realizando esses atos na relação com algo que está vendo ou tocando.

8 Comenta-se essas duas por serem sensações fundamentais. Há outras ligadas a outros sentidos, sensações olfativas, por exemplo. Entretanto, a visão e o tato são aquelas com as quais mais nos colocamos em contato com o mundo físico e conosco mesmos.

Tomemos o exemplo da folha de papel utilizado por Husserl⁹, ela é vista e tocada enquanto estamos vendo e tocando a folha, o ver e o tocar são nossos atos, atos que nós estamos vivendo¹⁰.

Ver e tocar são *vivências*, e se são vivências, quer dizer que são registradas por nós e delas temos consciência. Ter consciência dos atos que são por nós registrados são vivências. Consciência, neste caso, não quer dizer que a cada momento nós temos que dizer “agora estamos vendo, agora estamos tocando”. Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos

9 Cf. HUSSERL, E. *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. 2. ed. Traducción de J. Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. Libro I, p. 79, §35.

10 O termo ato está também em Husserl expresso pela palavra alemã de raiz latina, *akt*. Ele usa também uma outra palavra que só existe em alemão, *Erlebnis*, formada de três partes e cuja a raiz interna *leb* se parece com a palavra *life*, que em inglês significa vida. O ver e o tocar são atos, mas são chamados de *Erlebnis*, que é um substantivo, e que na nossa língua pode ser traduzido por *vivência*. Vivência quer dizer aquilo que nós estamos vivendo. Assim, ver e tocar são atos que nós estamos realizando, chamados, na língua alemã, *Erlebnis* e, na língua espanhola ou em português, *vivência*. Na língua italiana, como na inglesa, esse termo não existe, então, não podendo traduzi-lo por uma só palavra, “atos por nós vividos” que se transforma no substantivo “o vivido” (no caso do italiano) ou “a experiência vivencial” (no caso do inglês). Em português e em espanhol, a palavra *vivência* atinge mais plenamente o seu sentido.

vendo, ou que, enquanto tocamos, nos damos conta de tocar. Depois, podemos fazer uma *reflexão* sobre essa consciência, como a que estamos fazendo agora.

Devemos perguntar também que tipo de vivência é refletir. Estamos refletindo sobre ver e tocar que são registrados por nós, esse refletir é um novo ato, é uma nova vivência, e dessa vivência nós também temos consciência. Porém, o ato reflexivo é uma consciência de segundo grau, é uma ulterior consciência de algo que, nos consente dizer, estamos vendo e tocando.

Assim, temos o primeiro nível de consciência que é o nível dos atos *perceptivos*, e um segundo nível de consciência que é o nível dos atos *reflexivos*.

Façamos uma comparação com o cão e o gato que se vêem e se tocam. Eles têm consciência desses atos? Talvez a tenham no primeiro nível, mas não a têm, certamente, no segundo nível, o da *reflexão*. A *reflexão* é uma vivência humana porque corresponde à capacidade que o ser humanos tem de se dar conta do que está fazendo. Ele tem capacidade de perceber e registrar aquilo que percebe, e de se dar conta de que está vivendo o ato da percepção.

Dos atos perceptivos à consciência de
ser corpo, psique e espírito

Voltemos ao copo de nosso experimento. Nós o vemos, o sentimos, o utilizamos, por quê? Porque temos sede. Que tipo de ato é a sede? É um impulso. Nós senti-

mos alguma coisa interiormente, que nos impulsiona a pegar o copo e a beber. Esse impulso, não é o ato de beber, ou o ato de tocar, e nem o ato de refletir, é um outro ato. Em geral, o impulso em direção a alguma coisa é registrado por nós, pois temos consciência do impulso e queremos vivê-lo. E o que fazemos? Buscamos alcançar o copo.

Pode ser que alguém próximo do mesmo copo d'água tenha o mesmo impulso de beber, mas não chega a pegar o copo sobre a mesa. Por quê? Existe um controle muito semelhante ao ato da reflexão (É justo não poder beber?). Podemos dizer que existe uma regra social ligada a um controle, trata-se de um ato que não é o do ver ou o de tocar, nem o do impulso que mais se assemelha ao ato de refletir.

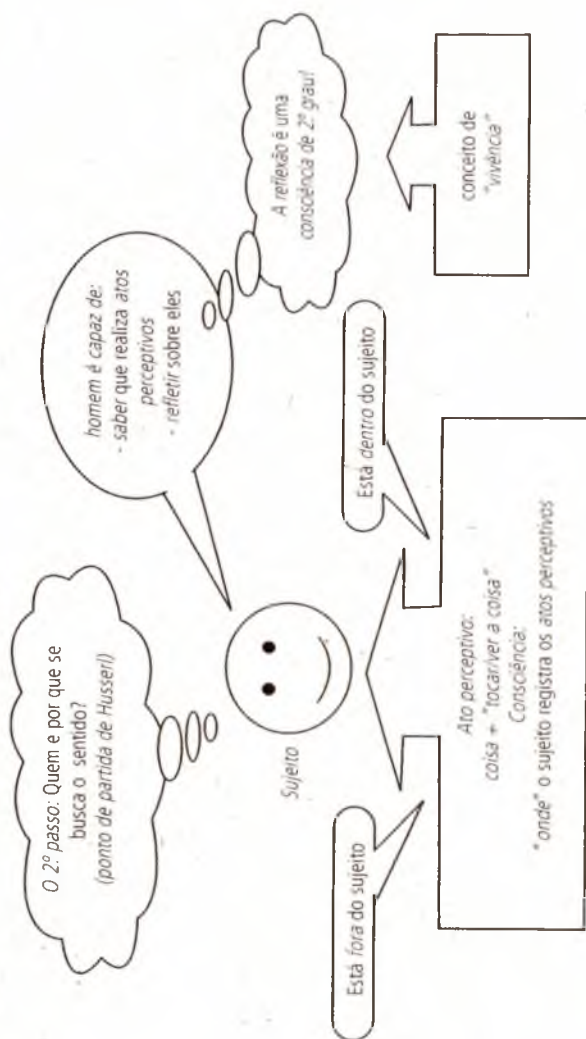
Todos esses atos que identificamos têm características diversas, qualidades diversas. Podemos pensar que existe uma dimensão do ter consciência (não uma dimensão física) sob a qual nós registramos: é um *setting* de registro dos atos. De quais atos? De todos os que nós estamos realizando, atos que são ligados ao mundo externo e ao mundo interno.

Retomemos toda a análise feita na dimensão do ver e do tocar, o objeto é externo, mas o impulso de ir beber é interno. Agora, onde nós percebemos o ato interno, o impulso e o ato externo perceptivo? Sempre nessa dimensão da consciência. A consciência é a dimensão com a qual nós registramos os atos. O registro é um terreno novo, e ao identificarmos nesse terreno os atos vivi-

dos por nós, percebemos que tudo aquilo que vivemos passa através desse terreno.

Podemos também analisar outros exemplos. Quantos atos nós estamos realizando agora? Podemos escolher alguns como tocar e ouvir que são atos de caráter físico ligados a uma organização. Temos uma série de atos ligados à sensação – não só as dos cinco sentidos – mas também a outros que nos permitem dizer muitas coisas que se referem ao mundo físico externo, a nós mesmos e à relação entre nós e o mundo físico. Por quê? Façamos uma experiência com o ato de tocar. Neste momento, nós podemos tocar e o sentido de tocar é um contato ligado a mão. Se fecharmos os olhos e não tocarmos nada, não tocamos voluntariamente com a mão coisa alguma, percebemos, então, que não tocamos apenas com a mão, mas que todo nosso corpo toca. Mais ainda, percebemos que a delimitação física do nosso corpo não é percebida através da visão, mas através do tato. Podemos fazer a experiência fechando os olhos. Temos a sensação corpórea, e também a distinção entre o nosso corpo e aquilo sobre o que estamos sentados, ou sobre o qual caminhamos.

Figura B



O tato, segundo Husserl, é o sentido mais importante em absoluto, porque através dele registramos os confins físicos do nosso corpo, que permite orientarmos no espaço. O tato nos dá, portanto, a sensação do nosso corpo e do corpo externo ao mesmo tempo. Não só a distinção, mas também a conexão; a conexão e a distinção entre o nosso corpo e o corpo diverso. A visão nos orienta, certamente, mas com a visão não podemos perceber o confim do nosso corpo, uma vez que não podemos vê-lo todo. É através do registro dos atos do tato, da visão, da audição, do olfato que podemos dizer que temos um corpo.

Mas isso é completamente diferente daquilo que se diz normalmente sobre os sentidos. Nós partimos dos atos e, através deles, chegamos à conclusão que existe um corpo em relação com o mundo externo. As coisas físicas são conhecidas através da corporeidade. Essa análise da corporeidade foi feita por Husserl¹¹ em todo o seu desenvolvimento. Trata-se da mesma análise que Merleau-Ponty faz em relação à corporeidade¹². Husserl conclui que podemos dizer que temos um corpo baseando-nos na análise dos atos registrados por nós, isto é, das sensações corpóreas que registramos.

11 HUSSERL, E. *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*. Organizzazione di V. Costa, traduzione di E. Filippini. Torino: Einaudi, 1965. v. II (libri II e III)

12 MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

Vejamos também o desenvolvimento infantil. Uma criança gradativamente capta a sua corporeidade justamente pelo contato com o físico e com os limites. Se não fosse o tato, ninguém poderia perceber a delimitação da própria corporeidade. Nós não refletimos a todo o momento sobre os limites do nosso corpo, porém temos consciência deles. Nós levamos isso sempre conosco consensualmente. Percebemos isso quando vamos andando pela estrada, vemos um automóvel e desviamos de súbito. Que quer dizer isso? Que nós estamos cômicos das delimitações corpóreas e que queremos nos salvar. Querer se salvar, nesse caso, é um impulso que vem de uma outra fonte que examinaremos mais adiante.

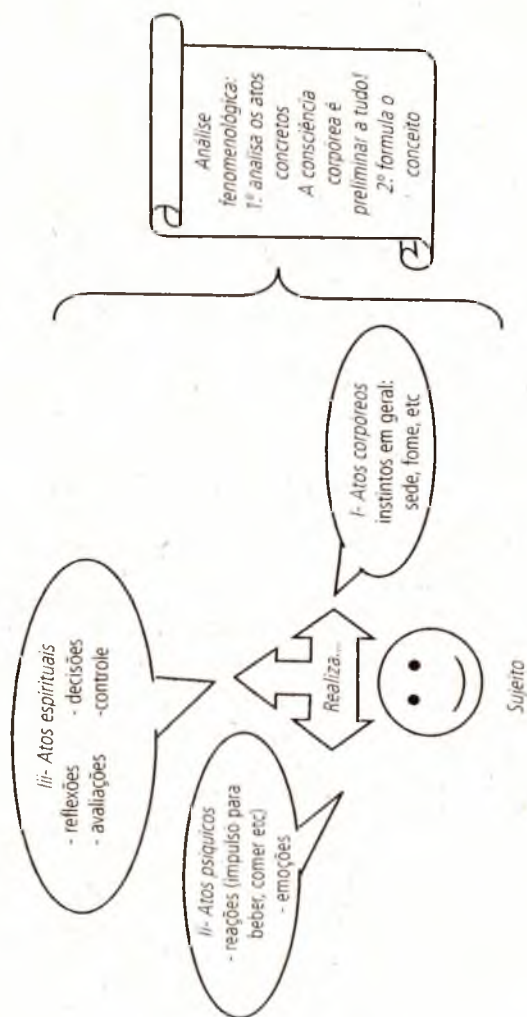
O momento preliminar é o da corporeidade, proeminal a tudo aquilo que nós fazemos e é, naturalmente, o que nos dá a constituição do ser que nos localiza. O que é estar em um lugar? Em primeiro lugar, está o nosso corpo e daí fazemos referência ao objeto físico e ao espaço. O espaço vivido está na base de todos os conceitos de espaço, mas há também o espaço que a Física considera geometrizado, idealizado. Porém, o primeiro é o espaço vivido, um espaço que permite que nos movamos, evitemos obstáculos etc., e é essa a formação da corporeidade. Podemos dar-nos conta dessa corporeidade porque temos as vivências relativas às sensações corpóreas. Esse é o primeiro nível, e o importante é que registramos isso, portanto não existe somente interioridade e exterioridade, mas interioridade, exterioridade e esse terceiro momento que é o registro dos atos, aquilo que nos possibilita ter consciência.

Entre esses atos, sabemos que existem os que são do impulso, dos instintivos e das reações. Nós os sentimos, registramos o ato, o sentir, e por isso mesmo temos uma reação. Por exemplo, quando ouvimos um barulho não muito forte, podemos sentir apenas uma reação de incômodo, porém, sendo muito forte, temos medo. E de onde vem o medo? Mesmo que de forma imediata, nós avaliamos a situação e notamos que ela se apresenta com determinadas características...

Nesse ponto, identificamos outros atos que não são de caráter psíquico, como o impulso de beber, nem de caráter corpóreo porque o corpo nos manda a mensagem de beber mas não pegamos o copo. Portanto, podemos controlar o nosso corpo e a nossa psique. Estamos registrando o ato de controle, mas este não é de ordem psíquica nem de ordem corpórea, e nos faz entrar numa outra esfera a que os fenomenólogos chamam de esfera do *espírito*.

Por que usam a palavra espírito? Porque o termo *alma* era usado para indicar tudo aquilo que não era corpo. Normalmente se diz, então, corpo e alma. Husserl e seus discípulos analisam a alma em duas partes: uma é formada pelo *impulso psíquico* (o termo impulso se refere a uma série de atos que são de caráter psíquico) que são atos não queridos ou não controlados por nós. Além disso, não somos nós a origem deles, nem nós que os provocamos, mas os encontramos. Se sentirmos um forte rumor, todos teremos medo, e o medo não vem querido por nós, ele é uma reação e acontece. Essa é a parte psíquica, a outra parte é a que reflete, decide, avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, é chamada de *espírito*.

Figura C



Colocamos entre parênteses a afirmação habitual de que o homem é corpo e alma, pois não partimos disso uma vez que começamos a análise pelos atos. Examinando os atos, a começar pelo registro dos atos podemos chegar à estrutura do ser humano. Somos corpo-psique-espírito, como dimensão. Pela análise dos atos concluímos que a alma existe e é vista em dois momentos através das características diversas entre a dimensão psíquica e a dimensão espiritual. Certamente todas as dimensões são estritamente conectadas. O espírito poderia viver sozinho? Não, o espírito habita a base psíquica e corpórea. O corpo pode viver sozinho, sabemos de casos em que o elemento psíquico e o elemento espiritual não são ativados, porém, o ser humano potencialmente tem essas três características. Numa situação de coma, pensamos que não existem impulsos de caráter psíquico ou espiritual ativos, porém, nesses casos, procura-se fazer com que aquele ser humano torne a ser o que é.

Temos ainda outros problemas como o de saber se a alma tem substância. Isso é um pouco mais complicado de responder¹³, pois existem diversos graus de atividades corpóreas, psíquicas e espirituais. Graus diversos de pre-

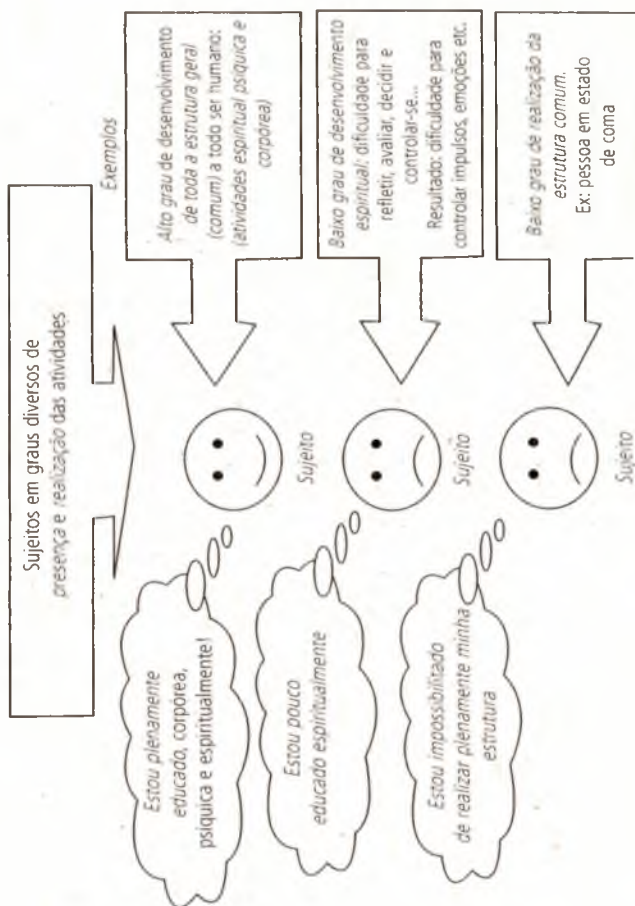
13 Edith Stein deu uma contribuição relevante à discussão sobre a substância da alma. Cf. STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003. Publicação original de 1913. E também STEIN, E. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Traducción de A. Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

sença e realização, naturalmente. Algumas pessoas têm atividade espiritual muito desenvolvida como refletir, avaliar, decidir, e outras não o fazem da mesma forma, mas poderiam fazê-lo: este é o núcleo da educação, física, psíquica ou espiritual. A conexão entre as três dimensões é o que estamos descrevendo através do ato. Há uma estrutura, que é geral, universal. Cada ser humano, individualmente, tem todas essas características que podem ser mais ou menos desenvolvidas.

Vimos exemplos que se referem à avaliação, à atividade moral e também ao comportamento em relação aos outros. É claro que nem todos os seres humanos têm um desenvolvimento do comportamento em uma certa direção que nós consideramos válida para a convivência, mas isso não quer dizer que não exista uma capacidade de avaliação, talvez ela não tenha sido ativada ao longo da história pessoal.

Esta é uma descrição geral, depois-cada ser humano individual deve ser examinado pelas suas características próprias. Portanto, não se trata de uma universalização que não leva em conta os elementos concretos diferenciados. Mas para compreender como os seres humanos se apresentam, devemos compreender também como é a sua estrutura geral.

Figura D



Estamos considerando, aqui, a experiência de indivíduos adultos que têm as capacidades físicas, espirituais e psíquicas desenvolvidas normalmente. A partir daí, conseguimos delinear uma estrutura. Não se trata de demonstrar, forçosamente, que existe uma alma, pois a análise começa pelas coisas mais simples que fazemos a cada momento: ver um copo, tocá-lo, decidir se vou beber ou não. As experiências que registramos, de que temos consciência em um nível mínimo, nos dizem que existem atos diversos, isto é, vivências qualitativamente diversas. As vivências ligadas às sensações não são da mesma qualidade das psíquicas, e estas não são da mesma qualidade daquelas que chamamos espirituais. Em outros termos pode-se dizer que tocar, ter impulso de beber, refletir e decidir não são vivência do mesmo tipo e isso indica a estrutura constitutiva do sujeito.

A CONSCIÊNCIA E ESTRUTURAS UNIVERSAIS

Vimos que a novidade da abordagem fenomenológica de Husserl é o terreno da consciência e essa é a sua contribuição mais importante, embora a mais difícil¹. A consciência está no espírito? Está no psíquico? Não é possível, porque as três dimensões – corpo, psique e espírito – só são conhecidas por nós porque temos consciência. Portanto, a consciência não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico. É como um ponto de convergência das operações humanas, que nos permite dizer o que estamos dizendo ou fazer o que fazemos como seres humanos. Somos conscientes de que temos a realidade corpórea, a atividade psi-

1 Para um aprofundamento da centralidade e radicalidade do conceito de consciência na fenomenologia de Husserl e discípulos, cf. ALES BELLO, *A. L'universo nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl*, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: ETS, 2003.

quica e uma atividade espiritual e temos consciência de que registramos os atos. Ou, dito de outro modo, se um ato é psíquico, corpóreo ou espiritual, de qualquer modo, nós o registramos em nossa consciência.

É possível examinar os atos e aquilo que eles significam, ou seja, na sua pureza? O que quer dizer ato da percepção? O que quer dizer o ato relativo ao impulso psíquico? O que significa dizer ato da avaliação? Através da vivência e da reflexão podemos fazer análises que nos revelem a estrutura geral desses atos. E o que quer dizer que existem atos universais? Qual é o sentido desses atos? Como eles se apresentam?

Tomemos um exemplo simples, ativando, neste momento, o ato de ver. A sensação é a visão, o ato é a percepção. Estamos atuando o ato perceptivo, estamos tendo consciência de ver, por exemplo, um livro. Enquanto visto, o livro se encontra dentro e enquanto existente ele se encontra fora. Se o livro é retirado do nosso campo de visão, onde ele está? Se ainda falamos do livro, é porque estamos ativando a recordação, é um ato que permite tornar presente uma coisa que não está mais presente. O livro não está mais presente perceptivamente, neste momento o ato da percepção não nos dá o livro, porém podemos falar no livro, esse é um ato universal.

Percebo o livro e me recordo dele e, imediatamente, sei a diferença, intuo de súbito o sentido do perceber e o do recordar. Imaginar é ainda diverso de recordar e de perceber, basta que se diga imaginar e logo todos compreendem que é um ato diferente de perceber e de recor-

dar. Analisar é ainda outro ato que vivenciamos, não é perceber, nem recordar ou imaginar. Distinguimos todos esses imediatamente, intuitivamente.

O que significa perceber? O que significa perceber em relação a recordar e imaginar? Quais são as condições para perceber? A percepção é aquele ato que se dirige a um objeto físico, concreto, que está diante de mim. Em geral, essa é a estrutura universal da percepção. Se analisarmos e observarmos a percepção na sua pureza, cada vez que temos uma percepção acontece assim.

Portanto, pureza quer dizer captar a percepção e dizer o que ela é sempre, não somente num caso específico, mas em todos os casos, dizer o que, em geral, a percepção é; dizer qual é o sentido do ato perceptivo. É claro que pode-se compreender melhor esse sentido se foi colocado em relação a outros atos.

Quais atos nós estamos ativando agora? Atos perceptivos, pois olhamos aqui e lá, ouvimos, temos uma série de percepções complexas através das quais podemos compreender o sentido das palavras e eventualmente escrever a respeito delas. Aprendemos, e isso quer dizer que nos lembramos pois, sem recordar não poderíamos continuar compreendendo ou escrevendo. Se chegasse aqui uma pessoa de cultura completamente diversa, estranharia muito porque fazemos algo que desconhece. Para ela não existe um ato para a recordação daquela instrução específica que nós tivemos, mas ela tem lembranças de outros atos, ligados a seus costumes e aprendizados.

Nós estamos ativando também a atenção. E o que é atenção? O que significa atenção em geral? Estamos concentrados sobre alguma coisa, e é claro que essa concentração pode ser de dois tipos. Quando entra alguém pela porta, a nossa atenção se volta para ele, para esse acontecimento, mesmo sem que tivéssemos vontade, ele atraiu nossa atenção. Esse é um tipo de ato psíquico; uma reação a uma percepção e a seguimos sem decisão e autonomia. Se não quisermos seguir essa percepção, teremos de ativar um ato de outro tipo, voluntário, no nível do não querer ver. Dessa forma, a nossa atenção não alterada retirada chega a se tornar uma afronta, pois equivaleria afirmar que não temos interesse por esse alguém que entra. Isso acontece no nível psíquico que pode ser uma atração ou repulsão. A aceitação ou rejeição da presença de alguém se dá no nível espiritual.

Mas qualquer um pode se distrair. O que significa distrair-se? Quer dizer que eu dirijo os atos psíquicos em uma outra direção. Estudantes se distraem, isto é, são atraídos por algo externo ou interno como sentimentos, uma preocupação ou uma fantasia que afetariam a atenção. Mas durante a aula poderiam dizer: “não, não quero seguir essa fantasia, quero escutar”. No entanto, para decidir escutar é necessária uma motivação, enquanto que no caso da fantasia já existe o motivo pelo qual houve a distração².

2 Sobre causalidade psíquica, motivo e motivação, cf. STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.

Os atos psíquicos têm sempre motivos, mas o que compõe os atos psíquicos é o universo da motivação e a motivação implica numa atividade espiritual³.

Atenção como ato involuntário	≠	ato psíquico
Atenção como ato voluntário (dirigido pelo sujeito, não provocado por fatores externos)	≠	ato espiritual

Se retornarmos à questão do beber, quando a pessoa não pega o copo ainda que tivesse sede, ativa uma capacidade espiritual, de intenção e avaliação. Qual é a motivação? Por exemplo, do ponto de vista social não é oportuno, mas se fosse uma criança muito pequenina, veria a água e beberia. Por quê? Porque ainda não ativou os controles inculcados pela mãe ao dizer que “não se pode fazer isso” em determinadas situações. Através do “não pode” ativa-se a motivação. A motivação humana diz que existe uma razão pela qual não é conveniente, naquela situação, pegar o copo d’água e beber. Existe um motivo que impele para beber, mas a motivação diz “não neste momento”. Pode-se compreender que essa é a base do controle individual e também social e acontece em todas as culturas, ainda que de formas bem diferentes.

As diferenças são secundárias, pois as estruturas não mudam. Ainda que o objeto percebido seja diverso ou que tenhamos percepções diferentes, todos ativamos a percepção.

3 Cf. STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003.

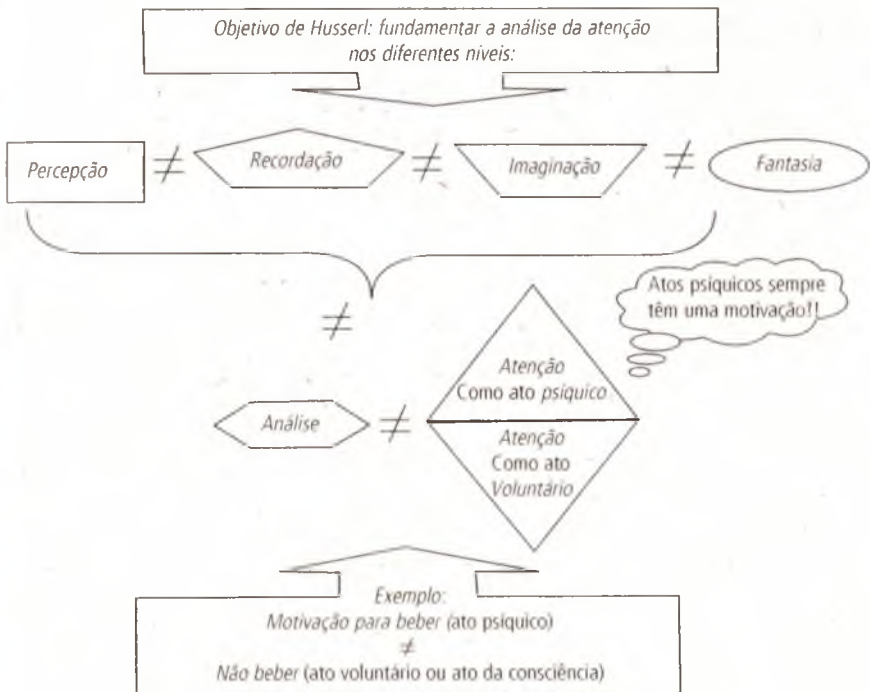
Todos têm e operam com a percepção, a recordação, a imaginação, a fantasia e capacidade de refletir... Nem todos ativam esses atos em um dado momento, porém, potencialmente, todos eles estão em cada um dos seres humanos. Sabemos que isso acontece aos poucos, pois alguns deles desenvolvem-se na infância, como a atenção e a visão, e outros, especialmente os atos de caráter espiritual, requerem um desenvolvimento já estabelecido previamente, além de apresentar características diversas a cada idade.

Interessa ressaltar que a compreensão desses atos podem ser examinados na sua estrutura universal, pois todos os seres humanos têm a mesma estrutura, embora não ativem da mesma maneira e não tenham os mesmos conteúdos, potencialmente, todos têm a mesma estrutura, seja do ponto de vista psíquico ou do ponto de vista espiritual.

Assumida essa hipótese, podemos pensar nas dificuldades que ocorrem, porque existem os que podem ouvir e os que não, existem aqueles que podem ver e os que não. Existem também casos extremos de pessoas que não têm possibilidade de sensação (como o apresentado no filme "O Milagre de Anne Sullivan". Anne era professora de uma menina que não tinha capacidade de sensação alguma. A terapeuta conseguiu, através da água, ativar a sua estrutura. Começou com algumas sensações, um pouco por vez, porque sabia que essa menina tinha uma vida psíquica e espiritual. No entanto, ela não podia ativá-las, uma vez que lhe faltavam os elementos corpó-

reos, a primeira base corpórea da sensação. Isso nos mostra que podemos examinar o ser humano através dos atos, considerando uma estrutura geral, universal.

Figura E



A mesma dimensão é muito importante também na relação intercultural, em que geralmente só vemos diferenças. Identificamos os diferentes modos de viver, no entanto, no fundo, o ser humano tem sempre a mesma

estrutura. A situação é interessante para que observemos as tendências específicas de cada cultura, seguindo um ponto de vista antropológico.

Sabemos como o ser humano é constituído, quais são as suas estruturas e as suas características. A questão é estudada primeiramente por Husserl e desenvolvida também por Edith Stein, sua discípula. Ela continuou a investigar sobre o assunto e se envolveu muito nos atos que se referem à psique. Ela continuou a desenvolver aquilo que Husserl havia evidenciado, fez o estudo dos instintos, dos impulsos, das energias e das reações espontâneas que existem no ser humano e que independem de nós⁴.

Este é o ponto de vista antropológico das estruturas gerais, posteriormente se pode dedicar à compreensão de cada pessoa individualmente. A elucidação é importante para a Psicologia, pois poderá ter uma aplicação clínica para cada pessoa, tomada singularmente, ou também se poderá formular uma descrição tipológica, por exemplo, do introvertido e do extrovertido. Isso significa que todos nós registramos atos psíquicos, por exemplo, impulsos que nos levam para fora ou para dentro e os psicólogos, sabendo disso, podem compreender algo que uma pessoa específica está vivendo.

Iniciando com Brentano o seu interesse pela vida psíquica, Husserl chega a explicitar, diferentemente de

4 STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.

Freud, que a característica da vida humana é ser uma vida espiritual; reconhece uma dimensão espiritual, âmbito das avaliações e decisões, que se diferencia da dimensão psíquica. Tratando-se de atos diversos, não podemos considerar como Jung, que incluiu a dimensão espiritual na dimensão psíquica. Se são atos diferentes, não podem ser de uma só dimensão. Não se quer dizer que nós sempre decidimos e avaliamos pois, muitas vezes, nos deixamos levar pela emoção, por exemplo. É nesse campo de problema que se insere o trabalho de Psicologia Clínica: essa pessoa é capaz de decidir ou se deixa levar?

Vimos que Husserl havia assistido às aulas de Brentano, juntamente com Freud, e conhecia todo o desenvolvimento da Psicanálise freudiana. Stein também conhecia, e se interessava muito pela psicologia profunda de Jung. Husserl e Stein não negam que exista uma dimensão psíquica inconsciente, no sentido de atos psíquicos que registramos, que podem ser precedidos de percepções das quais nós não temos consciência. O tema é apenas indicado em alguns pontos da sua obra, mas não desenvolvido. Stein toma o tema e o coloca num relacionamento com Jung, sobretudo na obra intitulada *A estrutura da pessoa humana*⁵.

A diferença radical entre a abordagem psicanalítica e a abordagem fenomenológica é a descrição da dimensão psíquica pré-consciente e depois inconsciente. A distinção entre as dimensões psíquica e a espiritual é

5 STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003.

importante para compreender o comportamento do ser humano. Mas há uma diferença entre Freud e Jung, porque na concepção freudiana a dimensão inconsciente é a que comanda, e tudo o que acontece no nível consciente é, na verdade, um produto daquilo que acontece no nível inconsciente. Freud, verdadeiramente, deseja compreender o que é o inconsciente. Mas se ele consegue compreender o que é o inconsciente – até onde consegue compreender – é porque opera com o consciente. Então, Husserl observa que a vivência psíquica, considerada como dimensão propriamente psíquica, dimensão do inconsciente é importante, mas o ser humano tem também uma dimensão espiritual. Ele não é totalmente comandado pela dimensão psíquica, por isso pode e deve ativar também a dimensão espiritual. E este é também um fundamento da vida moral, que implica em responsabilidade e liberdade. Nós sabemos que na concepção freudiana esses elementos não são considerados autônomos, mas comandados pela dimensão inconsciente.

Para Husserl, ainda que nem sempre e nem todos ativem a dimensão espiritual, todos têm condição de ativá-la. É uma visão de homem na qual há uma dimensão espiritual que pode intervir com controle e sentido. Edith Stein aponta algo semelhante e diz que Jung se ocupa de uma dimensão que é como um *subsolo* (segundo a tradição russa com Dostoiévski⁶). É necessário con-

6 DOSTOIEVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Tradução de B. Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2003.

siderar que sobre a dimensão do subsolo, também se exerce uma atividade de controle e direcionamento, assim, se dá um grande espaço para a dimensão espiritual. A dimensão espiritual também está contemplada na análise de Jung, ainda que não a tenha chamado de espírito, pois para ele a dimensão religiosa está sempre ligada à dimensão psíquica. É como se Jung atribuísse à psique aquilo que é psíquica e espiritual ao mesmo tempo, não distinguisse os dois níveis, não reconhecesse a autonomia do nível espiritual.

Leibniz afirma que cada ser humano é uma *mônada*, ou seja, um elemento individual. Porém, Husserl⁷ demonstra que o ser é uma *mônada aberta* e a entropatia são as janelas. A atividade do espírito é aquela que nós podemos chamar de atividade da alma, ainda que não haja uma dimensão intra-instancial da alma. Emerge, então, outra questão, isto é, saber em que consiste a substância autônoma da alma.

7 Cf. HUSSERL, E. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução de F. Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.



A SÍNTESE PASSIVA: FASE ANTERIOR À PERCEPÇÃO

Tomamos o sentido dos atos, falamos da percepção, de atos que já temos consciência. São atos dos quais nós somos còncios ainda que não tenhamos feito uma reflexão sobre eles. Entretanto, Husserl diz que existe um caminho anterior à percepção, que ele chama de *síntese passiva*. Ou seja, nós reunimos elementos sem nos darmos conta de que o estamos fazendo. Podemos dizer, por exemplo, que tínhamos a percepção do copo, mas para isso tivemos de exercitar algumas operações anteriormente (a distinção entre um objeto e outro, entre o copo e a toalha...). Trata-se de operações que estabelecem continuidade e descontinuidade, homogeneidade e heterogeneidade. Para apreender o objeto em sua unidade devemos estabelecer relações de continuidade e de descontinuidade, de homogeneidade consigo mesmo e de heterogeneidade para com outros objetos. Não nos damos conta

de operar tudo isso precedentemente à percepção, pois são operações que cumprimos num nível passivo, somos afetados por elas antes que façamos qualquer coisa.

Há um artigo significativo de Husserl sobre a *síntese passiva*¹ em que ele fala sobre a existência de níveis mais profundos, e que à consciência aparece somente a percepção do já constituído, ela registra os níveis mais altos desses processos.

Quando Husserl trata dos níveis passivos, não está dizendo que os vivemos passivamente. Analiticamente compreendemos que já demos aqueles passos, tornaram-se nossos, não pudemos deixar de fazê-los, e é a essa passividade a que Husserl se refere. Quando conseguimos descrever o processo, sabemos o que operamos no nível passivo. Esse é um ponto sutil no trabalho de análise de Husserl.

Considerando todo o arco do processo reflexivo husserliano, podemos dizer que entramos no nível da consciência através da percepção, mas existe também um nível passivo, que pode ser objeto de uma “escavação”². Vamos descendo, aprofundando a escavação para com-

1 Cf. HUSSERL, E. *Lezioni sulla sintesi passiva*. Traduzione di V. Costa. Milano: Guerini, 1993. (Originais de 1918-1926 publicados em 1966). Cf. também GHIGI, N. A hiletica na fenomenologia: a propósito de alguns escritos de Angela Ales Bello. *Memorandum*, 4, p. 48-60, 2003. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos04/ghi01.htm>>. Acesso em: 13 maio 2006.

2 Sobre o método husserliano de “escavação fenomenológica”, cf. ALES BELIO, A. *Culturas e religiões: uma leitura*

preender o que existe no nível passivo. No alto estão todas as operações no nível reflexivo (o da lógica, por exemplo). Começando pela lógica, com o problema da Matemática, Husserl lidará com a Aritmética como operações psíquicas, e depois perguntará “O que significa dizer que se somos capazes de realizar essas operações lógicas? Quais são os atos que nos possibilitam exercer a atividade lógica?”. Busca, portanto, examinar os atos da consciência nos últimos aspectos. Por um lado, vai em direção à lógica, por outro, vai em direção aos aspectos constitutivos das operações. E, assim, chega ao aspecto passivo.

fenomenológica. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998; Cf. também ALES BELLO, A. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Organização e tradução de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusp, 2004.



O EU, O OUTRO E O NÓS: A ENTROPATIA

O estudo dos atos é importante, primeiramente, do ponto de vista antropológico-filosófico, porque atinge os aspectos individuais e os universais. Nós vivemos de forma individual, mas ligados à estrutura universal. Por isso, quando falamos dessa estrutura universal, podemos dizer “nós”.

Podemos perguntar como chegamos a dizer “nós” ou como se passa do *eu* ao *nós*. Todos os seres humanos estão centrados em um eu, com capacidade de ter consciência de si, e com base neste *eu* – do ponto de vista da antropologia filosófica – pode-se chegar a dizer *nós*.

Husserl, após identificar os diversos atos e as diversas dimensões, se pergunta: “Seria tudo isso uma mera invenção pessoal? Ou posso também demonstrar que todos temos a mesma estrutura?” Para demonstrar isso, Husserl precisou responder a seguinte pergunta: “Qual é

a origem de todos os nossos conhecimentos conscientes?” Para tanto foi preciso começar pela análise da percepção.

Coloquemos atenção à nossa volta e façamos uma análise perceptiva das coisas e das pessoas. Podemos, imediatamente, distinguir as cadeiras das pessoas. Se a percepção vale tanto para a cadeira quanto para a pessoa, como chego a saber que aquilo é uma cadeira e o que é uma cadeira? É algo que não tem vida. Mas como chegamos a distinguir cadeira, cachorro e pessoa? Se continuarmos a observar e perguntar como se chega a distinguir algo, vamos nos dirigindo a um terreno fundamental, isto é, o terreno dos atos de consciência, distinto dos atos perceptivos.

Entramos no terreno dos atos de consciência através da percepção, distinguindo os vários atos, os atos de qualidades diversas. Se apreendo imediatamente que pessoa é diferente de cadeira, então há um ato que me permite isso. Esse importantíssimo ato foi evidenciado pelos fenomenólogos Edmund Husserl¹ e Edith Stein². Para designar o ato falamos em *empatia* ou *entropatia*. Husserl utilizava a palavra *Einfühlung*, então, entre os nossos diversos atos, há um que podemos chamar de *Einfühlung*,

-
- 1 HUSSERL, E. *Conferenze di Amsterdam: psicologia fenomenologica e fenomenologia trascendentale*. Traduzione e edizione di P. Polizzi. Palermo: Ilia-Palma, 1988. Cf. também HUSSERL, E. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução de F. Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
 - 2 STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Introduzione e note di E. Costantini, presentazione di P. Valori, traduzione di E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985.

e sua peculiaridade é a de sentirmos imediatamente que estamos em contato com outro ser humano, de modo tal que podemos falar “nós”.

Quando entramos numa sala, imediatamente distinguimos as pessoas das cadeiras, nem precisamos raciocinar, porque existe um ato que é anterior. Certamente, existem as percepções, precisamos ver cadeiras e pessoas para percebemos a diferença. Podemos afirmar que os atos nunca se dão isoladamente, pois junto com o ato perceptivo está esse ato específico da entropatia que é um apreender o outro, e essa apreensão é imediata.

Ainda que não vejamos, ao ouvirmos uma voz entre os diversos sons, intuimos que se trata da manifestação de um ser humano, imediatamente identificamos que é uma voz humana como a nossa própria. Se ao telefone ouvimos um latido, apreendemos uma diferença instantaneamente. A percepção auditiva é acompanhada desse sentir, desse captar que o outro é alguém, um outro que é um eu, como também eu sou um eu, um outro eu, um *alter ego*. O ato *Einfühlung*, entropatia, quer dizer que sinto a existência de um outro ser humano, como eu, é, portanto, uma apreensão de semelhança imediata. Note que se trata de semelhança e não de identidade, pois eu percebo que somos dois, que o outro não é idêntico, mas semelhante a mim.

Todos os seres humanos realizam o mesmo ato quando encontram outros seres humanos. Esse ato se distingue da percepção, da recordação, da imaginação, da fantasia, da intuição, por isso é um ato *sui generis*. Apre-

sentemos ainda um outro exemplo que consiste em abrir um livro e encontrar escrito: “Husserl disse que...”. Sei que se trata de uma pessoa, ativo a entropatia, reconheço-o um ser humano ainda que ele não esteja diante de mim. Nesse caso, o ato da percepção se ativa quando leio no livro a palavra “Husserl” e dá-se o sentir-reconhecimento de que é um ser humano e também dá-se o ato da recordação (recordo-me de quem é Husserl, de alguém que me falou sobre ele). Isso quer dizer que a cada momento temos vivências perceptivas, rememorativas e imaginativas. Podemos imaginar uma pessoa, formular uma imagem, talvez o imaginemos como uma pessoa velha ou um professor, mas a imaginação pode ser também ativada.

Algumas vezes temos uma fotografia e, então, podemos ver como a pessoa é. Neste caso pode-se perguntar qual a vivência que se ativa. Sabemos que é a percepção e algo semelhante à recordação. O que é a fotografia? É uma imagem, mas nós podemos fazer uma análise da imagem. O que é a imagem? O que é a imagem em relação ao original? Há uma forma de análise da imagem do ponto de vista fenomenológico, muito importante até para a arte, pois o exercício da arte pode ser desenvolvido a partir daí, mas através da imagem também podemos chegar a perceber o outro como humano.

A palavra alemã utilizada por Husserl (*Einfühlung*) é composta por três partes, o núcleo *fühl* significa “sentir”. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fühl* (e a *feeling*, derivada da língua latina): *pathos*, que significa “sofrer” e “estar perto”. A palavra *empa-*

tia é uma tentativa de tradução desse sentir em termos lingüísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro. Uma outra tradução poderia ser *entropatia*. O termo empatia é freqüentemente utilizado, principalmente na Psicologia, como “sentir o outro” no sentido de simpatia, mas não é assim. Eu posso encontrar uma pessoa, e ter um reconhecimento súbito de que é um ser humano, imediatamente o vejo como indivíduo e identificado como alguém semelhante a mim. Assim, enquanto eu o vejo, tenho, ao mesmo tempo, percepção e entropatia, ou seja, percepção e apreensão de que é um ser humano. Porém, o que me acontece no nível psíquico? Existe uma reação de atração ou repulsão, a simpatia ou a antipatia. É verdade que sempre ativamos a antipatia ou a simpatia, porém, o primeiro movimento não é nem de antipatia e nem de simpatia, mas é de captar que se trata de um ser humano. A entropatia é um ato específico, não pode ser confundido com a reação psíquica da simpatia. Usamos entropatia para dizer que, imediatamente, captamos que estamos diante de seres vivos como nós.

O elemento vivo é muito importante. Dentro dele existe uma vida, que não é só percepção, é uma percepção acompanhada da consciência, portanto, estamos diante de algo que vive, que vive como eu. Por que temos de dizer “como eu”? Porque podemos estar diante de um cachorro que vive também, mas não vive como eu. Isso nós percebemos imediatamente, no entanto, podemos estabelecer com o gato ou com o cachorro uma relação também entropática. Sabemos que ele vive em nível psíquico,

que nós também temos. Se o gato mia, percebemos que ele está pedindo alguma coisa, que tem fome ou sente alguma dor. Este captar é entropatia, pois também possuímos o nível psíquico, mais do que isso, fazemos um grande esforço com os animais domésticos, falando e tentando interpretá-los. O mesmo esforço fazemos com a criança pequenina que ainda não pode falar, tentamos captar o que possa estar sentindo, o que está acontecendo com ela.

Analisar a diferença entre o ser humano e o animal é muito importante,³ pois em relação ao ser humano, captamos imediatamente que ele vive, tem vida corpórea, psíquica e espiritual. Isso ocorre imediatamente e ao mesmo tempo que percebemos tratar-se de alguém igual, portanto: “assim como eu”. No caso do mundo animal, percebemos que ele está vivendo o corpóreo e o psíquico, mas não é possível não estabelecer uma relação espiritual, pois não se manifesta o “é como eu”. Existe uma entropatia com o mundo animal, porém, limitada. Com uma criança pequenina nós não podemos nos relacionar em nível espiritual, porém, esse nível do espírito amadurecerá com o seu desenvolvimento, já o percebemos potencialmente.

Através da entropatia, entramos em um mundo intersubjetivo, cuja vivência ajuda o nosso desenvolvimento pessoal, do ponto de vista fundamentalmente espiritual, cultural.

3 Cf. STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003. Cf. também ALES BELLO, A. Human world-animal world: an interpretation of instinct in some late husserlian manuscripts. *Analecta husserliana*, LXVIII, p. 249-253, 2000.

Parte dos fenomenólogos falava em ciência da cultura, ciência do espírito, por lidar com o espírito, com o logos, e com a elaboração cultural. O psíquico é o lugar das pulsões, dos impulsos, que serão organizados pela dimensão espiritual em processos levados adiante por grupos humanos. Os agrupamentos humanos vão se construindo através do enfrentamento da diversidade, do diálogo, dos direitos, das leis, portanto, com as atividades espirituais.

Podemos, agora, nos dedicar a compreender quais são as estruturas dos grupos humanos, qual é sua configuração, suas modalidades culturais, suas organizações espirituais. Existia uma tendência, no mundo alemão contemporâneo a Husserl, de falar em ciências da cultura. Porém, Husserl se pergunta: "Qual é a raiz da cultura?" A raiz da cultura é a atividade espiritual, são os atos do espírito que formam a base das ciências e da cultura em geral.⁴

4 Cf. HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*: per un sapere umanistico. Prefazione di E. Paci, introduzione di W. Biemel, traduzione di E. Filippini. Milano: Net, 2002. Cf. também ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998.

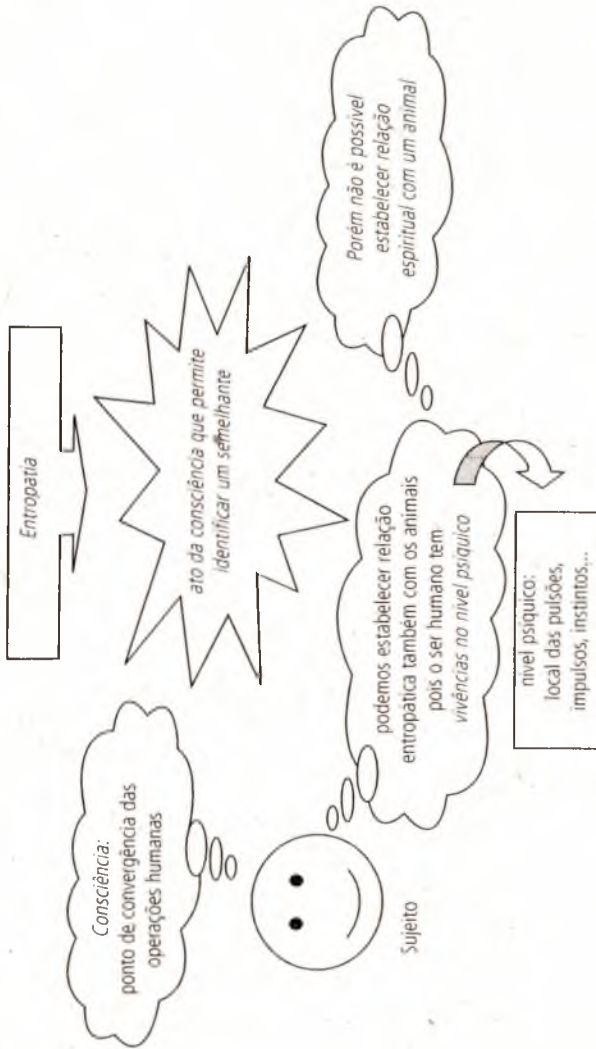


Figura F

A INTERSUBJETIVIDADE: AS MODALIDADES DE ASSOCIAÇÃO E A PESSOA

Na experiência da entropatia, temos a possibilidade de contato com o outro, embora, na realidade, do ponto de vista experiencial, antes da análise que podemos fazer, nós sempre vivemos junto com outros, num contexto humano.

Como chegamos a reconhecer que é um contexto humano? Que não é um contexto animal, que não é um contexto de coisas? Como chegamos a distinguir? Com o ato da entropatia, imediatamente, compreendemos que estamos junto a outros como nós, esta é a dimensão intersubjetiva constitutiva da pessoa¹.

Nós nascemos em um contexto interpessoal, porém existem muitas formas de organização de associa-

1 Como o ser humano é também um ser espiritual, do ponto de vista filosófico fala-se em *pessoa*. De fato, tanto Husserl quanto Stein usam o termo “pessoa”, acentuando o reconhecimento da sua dimensão espiritual constitutiva.

ção humana, essas formas são muito importantes para compreender o papel de cada pessoa no seu contexto associativo. Então, pode-se perguntar quais formas associativas favorecem o posicionamento de cada pessoa e que tipo de associação promove o movimento de cada um. A dimensão interpessoal é tão importante que toda a nossa educação depende da interessoalidade em que estamos inseridos.

Podemos também identificar quais são os seus limites, esse é, efetivamente, um grande tema que os fenomenólogos vem enfrentando. Pode-se, primeiramente, pensar sobre as diferentes formas da organização humana e se perguntar quais são as possibilidades do ser humano realizá-las. Como o ser humano é constituído pelas dimensões corpo, psique e espírito, as associações humanas, ou seja, as modalidades de agrupamento dão maior ou menor importância a cada uma dessas dimensões.

MASSA:

PREDOMINÂNCIA CORPÓREO-PSÍQUICA –
IMPULSOS UTILIZADOS POR PROJETOS ALHEIOS

Corporeidade e psique são níveis interligados, por isso falamos de *corpo vivo*², ou seja, corpo animado pela

2 Cf. HUSSERL, E. *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*. Organizzazione di V. Costa, tradu-

psique. E falamos também de *reações* a todas as coisas que chegam a nós através da corporeidade. Examinando uma associação humana, que se detém nesse nível corpóreo-psíquico, percebemos que nelas somos arrastados por impulsos psíquicos coletivos.

Stein faz uma consistente análise desse fenômeno³, dizendo que há uma espécie de contágio psíquico, que corresponde, em seu funcionamento, ao contágio de doenças do corpo. Tomemos um exemplo já utilizado. Se acontecesse um grande barulho numa sala, a reação coletiva instintiva seria todos saírem. Nesse caso, poderíamos ser arrastados pelo pânico. Porém, como é comum nessas situações, alguémalaria: “não entrem em pânico, é preciso se controlar para podermos sair”. A pessoa estaria se lidando com um controle que é de natureza espiritual, racional. Nós nos organizaríamos para ver por onde sair mais rapidamente, antes que todos se jogassem no mesmo ponto e ninguém conseguisse sair. Esse exemplo é muito simples, mas existem situações humanas em que o momento impulsivo, instintivo, é mais profundo. Há também tendências e impulsos que passam a ser utilizados por alguém de fora do grupo, como nas publicidades.

zione di E. Filippini. Torino: Einaudi, 1965. v. II. Cf. também STEIN, E. *Introduzione alla filosofia*. Prefazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 2001.

- 3 STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 1999.

A ideologia é uma idéia que pode ser apresentada como boa, útil, mas, na verdade, faz com que certa organização siga os interesses de quem a propõe. Neste caso, Edith Stein diz que está se formando a massa. *Massa* significa, então, pessoas juntas sem uma forma especificamente própria. Sua forma é dada por quem consegue se ocupar dela e utilizá-la segundo um projeto¹. O projeto não é psíquico, mas intelectual, sendo assim, pode ser bom ou mau, mas de partida já é viciado quanto à questão da moral. Alguém que utiliza a massa para um fim moral, faz algo negativo, pois não respeita a liberdade do ser humano.

Pode-se avaliar esses encontros para verificar se são válidos ou não. Não se pode dizer simplesmente que os encontros baseados em elementos emocionais serão negativos, pois é preciso verificar se esses elementos são válidos para um projeto, assim, pode-se passar do nível do *motivo* para o nível da *motivação*. Motivação é um passo a mais, porque se insere em um projeto, que tem certa organização e uma finalidade. Então pode-se perguntar qual tipo de organização respeita o projeto individual.

4 Cf. STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*, 2. ed. Traduzione di A. Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.

COMUNIDADE: VÍNCULOS CORPORAIS, PSÍQUICOS E ESPIRITUAIS

Husserl e Stein acreditam que a organização que respeita a pessoa se chama *comunidade*⁵. A comunidade é caracterizada pelo fato de os seus membros assumirem responsabilidades recíprocas. Cada membro considera sua liberdade, assim como também quer a liberdade do outro e, a partir daí, verificam qual é o projeto conjunto. O projeto pode ser útil para a comunidade, mas deve ser útil também para cada membro.

Na comunidade a pessoa é considerada singularmente, cada um deve encontrar dentro dela a sua realização, já que sozinho o ser humano não consegue se realizar plenamente. Eis porque *indivíduo* não é um bom termo, pois indica a pessoa considerada fora do seu grupo e, segundo essa interpretação, a comunidade não se constituir apenas com a proximidade de vários indivíduos. De fato, a comunidade é uma *união de pessoas* consideradas singularmente, de modo que o contexto relacional possibilita sua realização, assim, a singularidade e a comunidade são dois momentos co-relatos.

5 Cf. HUSSERL, E. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução de Oliveira, São Paulo: Madras, 2001; STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003; STEIN, E. *Psicologia e scienze dello spi-*

A comunidade se forma quando cada membro aceita a comunidade como lugar de seu movimento individual e, assim, se forma uma nova *personalidade* que é a comunidade. Os seres humanos deveriam viver em comunidade, pois isto corresponde a um grande *apelo ético*. Concebendo a comunidade dessa maneira, cada um poderia participar de diversas formas de comunidade.

Uma família, por exemplo, poderia ou deveria ser uma comunidade. Mas nem sempre o é, entretanto se realiza como comunidade quando o vínculo entre os membros da comunidade é positivo, começando pelos sentimento. No caso da família, o sentimento fundamental é o amor e sua reciprocidade, pois existe um desejo solidário de realização, mas se isso não acontecer, não há comunidade familiar. Na família há benefícios também no nível corporal, pois o corpo inteiro do ser humano faz parte daquela família, juntamente com o espírito. Quando se diz que acreditamos em um vínculo de sangue, significa, no caso da família, que estamos ligados por um elo corporal. Porém o vínculo de sangue não faz com que a família seja uma comunidade, é preciso que haja uma disponibilidade psíquica e espiritual.

A comunidade familiar é antes de tudo um processo, não acontece espontaneamente, esse é um problema muito presente atualmente nas famílias. A espontaneida-

rito: contributi per una fondazione filosofica. 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezella. Roma: Citta Nuova, 1999.

de está no primeiro momento, em que há grande potencialização de todos os elementos, pois quando as pessoas se encontram acontece uma atração, um sentido de não-repulsão. Esse encontro de atração, que existe em níveis típicos muito profundos, é elaborado no nível do sentimento, ou seja, tomamos como *sentimento de atração*. A atração deve passar para um grau mais alto, um sentimento do mais alto nível, isto é, o amor. Esse termo tem muitos significados e existem várias propostas de amor. Note que um nível mais alto não exclui os níveis anteriores, pois não se age de forma egoísta, pelo contrário, acentua-se o aspecto de *colocar em comum*.

COMUNIDADE E SOCIEDADE

Fazemos parte de organizações que aparentemente não são, mas poderiam se tornar comunidades, por exemplo, um grupo de alunos de uma mesma sala de aula. Na associação existe um vínculo físico, corporal, mas aquelas pessoas formaram esse vínculo por acaso. O termo *sociedade* descreve esse tipo de grupo, uma vez que os membros estão ali por uma finalidade comum. No entanto, se eles forem capazes de estabelecer vínculos psíquicos e espirituais, poderão tornar-se uma comunidade. Se todos trabalharem em união e não quiserem sempre afirmar a si mesmos, causando mal ao outro, se trabalharem para o grupo, a sociedade pode se tornar também comunidade.

Existem *comunidades de amizade*, por exemplo, e a verdadeira amizade deseja que o outro se torne si mesmo, é uma atitude psíquico-espiritual importantíssima, própria da amizade.

Existem ainda outros tipos, como a comunidade religiosa, sobre a qual se poderia perguntar que tipo de relação liga seus membros, sabemos que é um *projeto comum*, com respeito recíproco. Cada comunidade tem seu lugar e realiza a si mesma naquele lugar. Existe também uma *finalidade*, que pode ser chamada de finalidade humana e outra mais profunda que é a da realização espiritual. Cada membro da comunidade faz parte de uma comunidade familiar, a família de origem e, pode também fazer parte de uma comunidade escolar, assim como de uma comunidade de voluntariado, e ainda de uma comunidade religiosa.

POVO, NAÇÃO, ESTADO E COMUNIDADE

Se os grupos humanos se organizam dessa forma, é possível fazer um estudo para compreender o que significam as comunidades rotuladas como *povo*, como *nação* ou como *Estado*.

As formas comunitárias são as que poderiam, e deveriam, mais contribuir para o desenvolvimento de cada membro. Considerando-se que nas condições comu-

nitárias nunca cada membro pode fazer tudo o que quiser, é pertinente refletir sobre o sentido do desenvolvimento de cada membro. É claro que não se poderia desenvolver somente os interesses particulares, os objetivos pessoais, mas para alcançar o desenvolvimento pessoal, cada membro precisa conviver, isto é, viver com os outros.

Estas estruturas sociais poderiam atenuar a dependência que nós, inevitavelmente, temos dos outros, sem idealizar que essas associações possam ser perfeitas, ou que cheguem a resolver o problema definitivamente. Muitos problemas são resolvidos radicalmente, mas sempre teremos o momento negativo, o momento do limite, o momento da dificuldade. Realisticamente, sempre foi assim, mas devemos trabalhar para evitar esse tipo de experiência.

A comunidade de povo e a comunidade que está na base do Estado são duas possibilidades interessantes, pois mostram que – como no caso da família – em grandes organizações sociais pode haver comunidade, vínculos espirituais entre seus membros, além dos vínculos corporais, étnicos.

Assim, existe a possibilidade de pertença simultânea a várias comunidade muito diferentes entre si. Lembremos que Edith Stein era judia, se converteu ao cristianismo na forma do catolicismo, dizia que continuava a pertencer ao povo judeu, pertencendo, contemporaneamente, à comunidade cristã.

Ao examinarmos a história, verificamos que há grupos que têm um vínculo étnico-corporal menor que outros. Porém, se o povo se fundamentasse somente no

vínculo étnico, alguns povos não poderiam existir, por exemplo, o povo brasileiro. Isto significa que o povo possui um fundamento também espiritual, isto é, um reconhecimento e aceitação da alteridade, do diferente dentro do mesmo território. Não se pode afirmar que o elemento vinculante seja o aspecto corporal-étnico ou o aspecto espacial e o territorial.

Consideremos, por exemplo, o povo judeu, que se constitui como povo sem que seus membros vivam em um mesmo território. É um problema muito importante para o mundo atual, pois o povo judeu saiu de um território, desceu em direção à Palestina em busca de uma terra própria para se estabelecer. Encontrando-a, ali permaneceu por longo tempo. Quando o Império Romano se expandiu pelo Mediterrâneo, setenta anos depois de Cristo, como sabemos, o templo foi destruído e muitos judeus se distanciaram daquele território, o templo era um ponto de referência espacial e espiritual daquela comunidade. Assim, ocorreu a dispersão dos judeus por toda bacia do Mediterrâneo, Itália, Espanha e, depois pelo norte europeu. Mesmo sem um território comum onde viver, os judeus consideravam-se um mesmo povo. Chegaram a formular uma teoria, que continua a ser considerada válida para alguns até hoje, segundo a qual nem seria necessário possuir um território físico, já que a terra prometida é uma terra ideal do encontro de todo um povo. Porém, depois das duas grandes guerras mundiais do século 20, o movimento sionista se formou para retomar o antigo território, há muito ocupado por outros povos.

O exemplo mostra que o fundamental é sentir-se uma comunidade de povo caracterizada, sobretudo, por uma atitude espiritual.

Os povos sempre deram a si mesmos uma organização política, formas de associações e estruturas para viverem juntos através das leis e da formulação de costumes. Podemos notar, do ponto de vista histórico, que no início a humanidade deu a si mesma formas de organização muito ligadas à comunidade familiar. Por exemplo, as estruturas tribais, até as que existem atualmente, seriam grupos de famílias ligadas por um vínculo de sangue muito forte. Cada tribo tem suas leis, costumes e seu território. Na Europa, no início, haviam muitas tribos e uma estrutura tribal que deu origem à estrutura européia. Houve muitos conflitos, contrastes, choques entre as tribos e no período greco-romano organizaram-se em uma forma diferente, com leis que previam vínculos além daqueles familiares, que valeriam igualmente para todos, para todos os habitantes de uma cidade, por exemplo. Então, ao longo dos séculos, a forma de organização se expandiu, inicialmente pela Europa e depois para todo o mundo e, através da colonização, chega também às Américas e à Austrália. Deste modo, apareceram formas de organização políticas que chamamos de Estado.

O *Estado*⁶ prevê uma impessoalidade das leis, o que quer dizer que elas valem para todos os membros,

6 Cf. STEIN, E. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Traduzione di A. Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999. Cf. também ALES

independentemente do grupo étnico ou da comunidade a que pertençam. As leis garantem a igualdade entre todos os cidadãos e, é claro, isso se deu devido a lutas políticas muito fortes. Como se vê, o Estado pode estar ligado a um povo, mas pode ser também uma organização que vale para povos distintos que vivem juntos. É por isso que dizemos que o Estado vai além do povo, está acima dos vários povos e cumpre zelar por todos.

Mas podemos perguntar de que forma o Estado realmente se mantém. O importante é que se constitua uma *comunidade estatal*. Mas o que quer dizer comunidade estatal? Quer dizer que todos aqueles que pertencem ao Estado se dão conta da comunidade que eles querem sustentar e o fazem com a participação moral, espiritual. Quando essa vontade falta, o Estado deixa de existir.

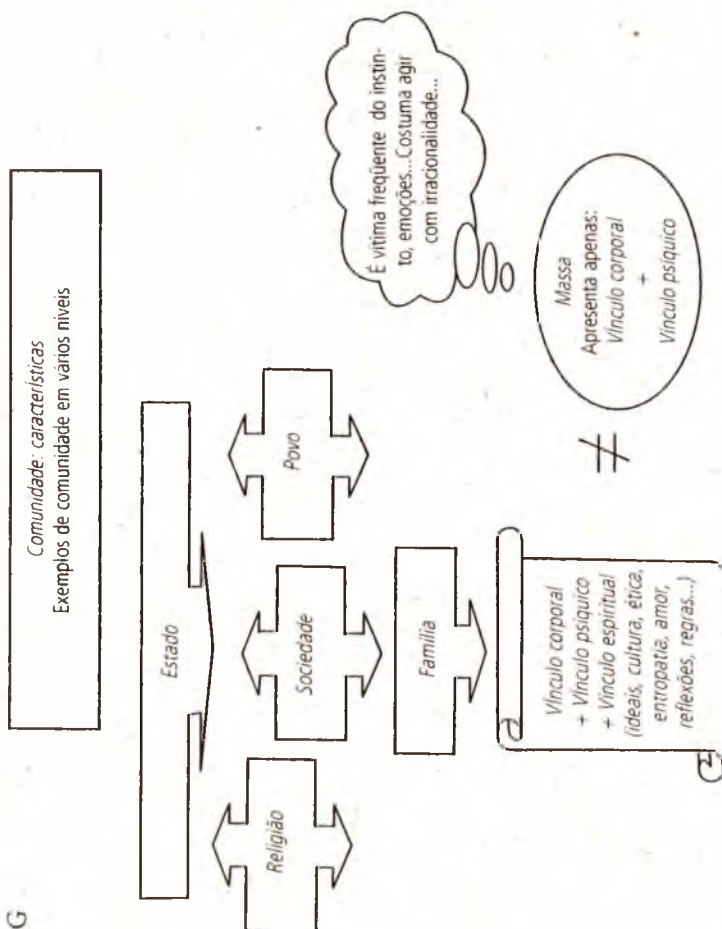
Consideremos os Estados modernos. Eles nasceram quando uma comunidade de um povo ou de vários povos se tornou uma comunidade estatal, uma organização política e jurídica comum a todos. Quando a comunidade estatal deixa de existir, pode acontecer, então, que venha a faltar o próprio Estado. Por exemplo, desde o século 18, a Chechênia não quer fazer parte de um Estado que lhe foi imposto, antes o Império Russo e depois a União Soviética. Está ocorrendo, portanto a fragmentação de um Estado unitário, e a dificuldade de manter uni-

BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 2000.

dos aqueles vários Estados. No caso da Chechênia, os habitantes dizem “Nosso povo não quer fazer parte da comunidade estatal russa, queremos ser independentes”. Eles querem ter suas leis, seu território, constituir um Estado separado. Nesse caso, a comunidade de povo que pertenceu à Rússia ou à União Soviética não existe mais e aconteceu uma ruptura. Notamos que é possível criar e destruir um Estado, e, ao longo da história, isso aconteceu muitas vezes. Pensemos no Império Romano que é o primeiro exemplo forte do que é Estado, ele acabou quando a comunidade de povo que o constituía se fragmentou, não queria mais aceitar aquela unidade política.

Nós encontramos o conceito de comunidade em muitos níveis, já que o elemento que a caracteriza é sempre o da unidade espiritual, cultural e da vontade coletiva. Comunidade não é o mesmo que vários indivíduos que se colocam juntos, como na idéia de “contrato” que aparece no século 18, pois, assim, não se pode formar o Estado. É necessária uma comunidade que se associe de determinada maneira e alargue-se a outras comunidades, formando um Estado de diversos povos.

Figura G



Assim, a partir da comunidade como centro de referência para todas as associações humanas, do ponto de vista da antropologia filosófica e através da análise das vivências, nós chegamos ao ser humano singularmente considerado, nós identificamos sua estrutura como uma estrutura universal, não somente como estrutura pessoal. Há uma abertura ao outro, a muito outros, aos grupos humanos e há também possibilidades de associações desses grupos humanos que são a massa, a comunidade e a sociedade.

A *sociedade* é um grupo que se associa ocasionalmente para um fim, e é preciso colocar-se junto, com uma finalidade, para se constituir uma sociedade. Há, pois, uma racionalidade, uma afinidade espiritual, porém para um fim específico, de forma que, se a finalidade terminar, pode-se formar uma outra sociedade ou acabar ali. Por outro lado, a *comunidade* é um fator de toda sociedade, é fundamental para o cidadão, considerado aquele que constrói a *polis*, no sentido grego. As comunidades dão a base à *comunidade estatal*, podem ser inclusive tribos, uma vez que também elas constituem diversos vínculos entre seus membros. Nas tribos existem costumes que servem somente para aquele grupo específico, mas quando se fala nos membros do Estado sempre há leis, pois os costumes devem valer para todos. Nisto está o problema da constituição do Estado, o problema das cidades modernas e da realidade contemporânea em conseguir estabelecer uma legislação que vá além da consideração das diferenças dos vários grupos étnicos. Por exemplo, na Europa se busca, atualmente, uma constitui-

ção que valha para todos os países da Unidade Européia, que tenha validade além da constituição de cada país. Será possível se cada um dos Estados europeus quiser, fazer parte da comunidade estatal européia, podendo vir a se distanciar caso não queira participar. É interessante notar que, mesmo em termos jurídicos, fala-se em "comunidade européia" que chega a ter uma constituição.

Vários problemas internacionais atuais surgem devido à não aceitação, por parte de alguns povos, das estruturas estatais; sobretudo as elaboradas sem a sua participação. Alguns dizem: "nós temos a nossa forma de vida organizacional e política e não queremos aceitar esse tipo de regra ocidental". O que isso significa? Significa que para existir a constituição de uma organização estatal é preciso haver uma disposição espiritual, moral.

Esses são os grandes problemas que podem ser analisados partindo dos elementos que nós apontamos: o ser humano é um fenômeno, ou seja, ele se mostra e dentro dele nós encontramos todos os atos que são também fenômenos e se manifestam. Através desses atos, nós chegamos a conhecer o que é o fenômeno corpo, o fenômeno psique, o fenômeno espírito. Dentro do ato da entropatia podemos conhecer também o que é o fenômeno do outro, que se manifesta em diversos grupos organizados como fenômenos. Essa organização pode ser massa, comunidade, sociedade ou Estado.

A ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS PARA UM FUNDAMENTO DAS CIÊNCIAS

Sabemos que no campo das ciências, algumas se ocupam de certos aspectos deste percurso indicado no presente volume. As ciências que se interessam pelo corpo são a Biologia, a Fisiologia, por exemplo. A Psicologia se ocupa da psique. O espírito se relaciona com as formas culturais e as ciências da cultura como a Antropologia Cultural, a História, o Direito e todas as ciências relativas à arte. As ciências que se ocupam das formas de organização dos grupos, da comunidade são a Sociologia e as Ciências Políticas, dentre outras. Temos, então, muitos pontos de vista científicos, cada um deles desenvolvendo-se num aspecto. O ideal seria que cada ponto de vista se ocupasse também de uma estrutura geral, que é encontrada através dessa análise já apresentada aqui, que é de caráter filosófico.

Uma tendência do nosso tempo é fixar-se em alguns desses aspectos, sem entender qual é o sentido do ser

humano, e de sua relação com os outros, com a comunidade, com a sociedade, com o Estado. Entender tais sentidos é algo que se pode fazer somente através de um trabalho de pesquisa interdisciplinar. É verdade que nós não podemos conhecer tudo. O importante é que, ao conhecermos uma parte, tenhamos a consciência de que se trata justamente de uma parte, que existem fundamentos a serem reconhecidos. Não se faz ciência humana sem que saiba o que é o ser humano. Frequentemente falta o fundamento, infelizmente, esta é uma tendência de nosso tempo.

Através das vivências, podemos desenvolver o caminho da Antropologia ou o das Ciências da natureza, ou ainda o do mundo físico, podemos também perguntar como se conhece o ser humano. A interessante análise que a Fenomenologia realiza está fundamentada na seguinte idéia: através da análise dos atos, precisamos adentrar o mundo de caráter físico, da natureza, por exemplo, e nos damos conta também de que nós queremos conhecer o mundo físico, mas que conhecê-lo não é tão fácil. Talvez seja mais fácil conhecer o mundo humano, porque podemos conhecê-lo através de nossa interioridade. O mundo físico permanece sempre transcendente, externo a nós, mas temos um vínculo com esse mundo da natureza, que é a corporeidade.

Para conhecer as coisas que estão *diante de nós*, fazemos uma série de operações muito complexas, mas quando se trata de *dentro de nós* começamos por uma experiência simples. Já verificamos que para ocorrer a percepção é necessária acontecer uma série de operações

anteriores. Quando olho um livro, vejo só uma parte dele. Se o viro, vejo somente uma outra parte. Se estivermos acompanhados, eu vejo uma parte e o outro vê a outra parte. Ainda que queira olhar tudo, vejo sempre partes, nunca posso reconhecer a tridimensionalidade imediata das coisas. Nós conhecemos as suas dimensionalidades porque podemos tocá-las, girá-las, movimentá-las. Isto quer dizer que, em relação ao mundo físico, conhecemos por aproximações. Outro exemplo pode ser a lua: Como chegou a ser conhecida na sua tridimensionalidade? Vemos só uma parte dela, mesmo quem foi até lá só viu uma parte. Para dizer que a Terra é realmente tridimensional, foi necessário usar instrumentos importantes, porque as coisas físicas não são apreendidas imediatamente, pois se trata de um processo da aproximação do nosso corpo às coisas.

Os instrumentos foram criados, justamente, para tornar mais próximas as coisas que estão distantes ou, então, mensurar as que não conseguimos saber exatamente qual é a sua grandeza. Criou-se uma estrutura artificial que facilitasse o conhecimento do mundo físico e assim nasceu a ciência física, que está, claramente, baseada em um elemento perceptivo. Posteriormente, este elemento perceptivo é reelaborado em uma dimensão racional, espiritual. Agora, as ciências físicas mais elaboradas não são mais experimentais, mas hipotéticas, matemáticas, estatísticas. Por quê? Porque existem dificuldades para se chegar a tocar o mundo físico e conhecê-lo de verdade. Então, poderíamos dizer o que seja a natureza, e

quais são os instrumentos que possibilitam conhecê-la, e isto é um grande terreno e um campo de pesquisa.

Através das vivências ou atos podemos falar também de Deus, porque encontramos uma série de atos muito específicos que indicam como somos limitados, são atos reativos a uma *busca de totalidade*. A busca de totalidade é uma busca religiosa, é o elemento mais profundo da busca religiosa. Então há também atos de caráter religioso, que é um outro campo de pesquisa que pode ser desenvolvido¹.

A CRIAÇÃO EVOLUI: A HISTÓRIA DA NATUREZA INDICA UMA TELEOLOGIA

Evolucionismo, como se sabe, é um tema com o qual o Positivismo se afirmou, problematizando a existência de Deus. Independente do problema que a expressão paradoxal poderia suscitar, podemos dizer que existe uma história da natureza no sentido de um desenvolvimento da natureza. Isso não exclui, porém, que a dimensão do espírito tenha a sua autonomia. E assim pode-se considerar a questão de Deus dentro da investigação sobre o desenvolvimento da natureza.

1 Cf. ALES BELLO, A. *Edmund Husserl: pensare Dio, credere in Dio*. Padova: Ed. Messaggero, 2005.

O modo positivista de tratar o Evolucionismo foi levado às últimas conseqüências, pois nem Darwin assumia tal posição. Ele não propunha uma compreensão rígida que tomasse a natureza como elemento último (Naturalismo). A natureza tem sua história, porém a natureza não é autônoma. Entendo que para Husserl e para Stein, o ser humano e a natureza são naturais, criados, e o desenvolvimento da natureza remete a um princípio e a um plano da evolução.

A posição de Husserl² é mais clássica nesse sentido, porque Deus e o espírito são elementos diferentes. Deus é um princípio que transcende todas as coisas, Ele dá um plano às coisas e as cria. Sobre este assunto, Husserl não se refere ao pensamento medieval – que não conhecia diretamente – quando fala de Deus, provavelmente, se refere a alguns pensadores alemães como Ficht e Kant. No entanto, sua posição sobre Deus se aproxima, em alguns pontos, de alguns pensadores medievais.

O desenvolvimento da natureza e o desenvolvimento moral dos seres humanos são considerados como um *desenvolvimento teleológico*³, eles têm certa direção e meta. O desenvolvimento não é produto de uma situação caótica ou do acaso, mas tem uma finalidade. Como se sabe,

2 Cf. ALES BELLO, A. *Edmund Husserl: pensare Dio, credere in Dio*. Padova: Ed. Messaggero, 2005.

3 HUSSERL, E. *La storia della filosofia e la sua finalità*. Ed. e traduzione di N. Ghigi, prefazione A. Ales Bello. Roma: Città Nuova, 2004.

essa é a via de São Tomás de Aquino (Husserl não o cita diretamente). Kant também fala da prova físico-teleológica do desenvolvimento da natureza, assim, a evolução estaria acontecendo em termos da realização de um projeto.

A tese, estritamente, evolucionista não coloca a questão do projeto, pois existe o caminho, mas nenhuma finalidade nele. O desenvolvimento constatável estaria ligado às condições naturais, isto é, à necessidade e ao acaso.

Dentre os discípulos de Husserl, quem se dedicou à questão do evolucionismo de maneira precisa, além da Stein⁴, foi Conrad-Martius⁵, biólogo, que combateu o evolucionismo que descartava o criacionismo, e negava que a natureza não pudesse ter uma história só pelo fato de ser criada por Deus. A natureza foi criada em condições de evoluir, assim como o ser humano. Como existe uma história do ser humano, existe também uma história da natureza. Isso não entra em choque com o criacionismo que, então, vem a ser reinterpretado. Essa é uma grande contribuição promovida pelo evolucionismo, pois a concepção anterior de criacionismo era a de que o criado

4 Cf. STEIN, E. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003.

Sobre a filosofia da natureza, cf. STEIN, E. *Introduzione alla filosofia*. Prefazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 2001.

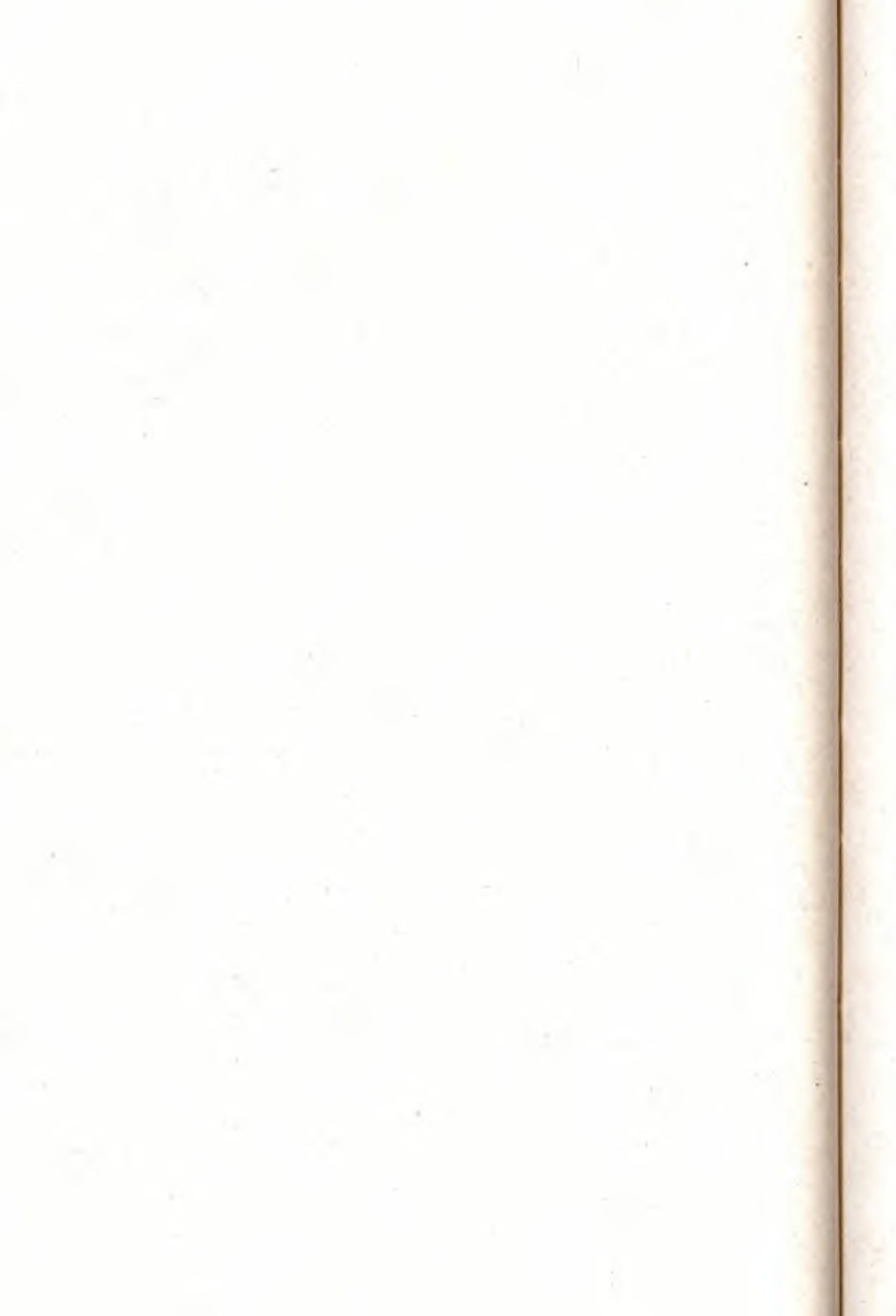
5 Cf. ALES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de A. Angonese. Baurur: Edusc, 2000. Cf. também ALES BELLO, A. *L'universo*

não mudaria, a partir do evolucionismo se considera que existe também uma história da natureza.

O criacionismo junto ao evolucionismo traz, então, o tema do espírito.

Segundo o evolucionismo, o espírito é um produto da atividade da natureza, ou seja, são funções cerebrais. Certamente as funções cerebrais são importantíssimas, vitais, mas diante delas nos perguntamos sobre a autonomia que a dimensão espiritual tem. O principal ponto é como as duas dimensões se relacionam entre si. Como a atividade do espírito precisa da atividade cerebral, e como a atividade cerebral é conhecida, conhecendo-se a atividade do espírito. Trata-se de um grande tema que também a ciência neurológica vem enfrentando em nossos dias. Talvez certa concepção científica não consiga dar as razões do funcionamento daquilo que está estudando, e, justamente, isso leva à tentativa de responder tudo, ainda hoje, segundo uma matriz positivista. Parece ser este o nosso contexto habitual, mas nós temos Husserl, Stein, Conrad-Martius, que nos oferecem um fundamento do conhecimento e um outro caminho de compreensão.

nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: ETS, 2003.



O MÉTODO FENOMENOLÓGICO HUSSERLIANO E O EXISTENCIALISMO

Já dissemos que para Husserl o mais importante não é a existência mas a essência, o sentido. Sua idéia é que devemos colocar entre parênteses a existência dos fatos. O copo diante de mim é um fato, mas não interessa tanto que ele esteja aqui, e sim o que ele é, o problema do sentido. Outro exemplo pode ser dado, quando coloco entre parênteses a existência das várias comunidades, não interessa, nesse momento, que exista essa comunidade ou outra, mas interessa compreender o que é a comunidade, o seu elemento essencial. Quando Husserl propunha isto, muitos diziam que não se pode colocar entre parênteses a existência no sentido de que não se pode negar a existência. Mas Husserl não estava negando a existência, mas se referia à existência como fato positivista.

Os fenomenólogos franceses dizem que a perspectiva da busca de sentido deve ser feita em relação à existên-

cia. Neste ponto, existe uma dificuldade para se compreender o que Husserl quer dizer sobre a existência. Porque ele não diz que não existe, apenas não quer levar em consideração a existência como facticidade. Fenomenólogos franceses como Merleau-Ponty e Sartre começam pelos fenômenos da existência porque se referem a Heidegger, que trata, justamente, do fenômeno da existência.

Husserl diz: “Se vocês, positivistas, me dizem que as coisas existem como fato, como objeto da ciência, este aspecto de existência não me interessa, porque me interessa compreender o sentido.” Poderíamos perguntar qual o sentido e a resposta seria que o sentido de todos os fenômenos, que estão interativamente sendo analisados e também os detalhes internos ao sujeito referentes àqueles fenômenos, as vivências. Heidegger, Merleau-Ponty, e Sartre admitiram que há um fenômeno da existência humana e se interessaram por examiná-lo como fenômeno, mas sem adentrá-lo, sem examinar a dimensão dos atos. Essa é uma diferença fundamental. Quem aceita a dimensão dos atos é Edith Stein, que se interessa pela estrutura do sujeito, reconduzível à realidade transcendental (atos de consciência), e, através dos atos conquistados, vem depois, a existência das coisas.

Todas as coisas existem; eu existo, os outros existem, as comunidades existem, porém Husserl não trabalha sobre o plano da existência, mas do sentido, do significado das coisas que existem. Heidegger, que é discípulo de Husserl, muda esta visão, interessando-se pelo fenômeno da existência humana ao qual denomina *Dasein*.

Assim, Heidegger¹ introduz o tema existência. Seguindo essa última perspectiva, o fenômeno da corporeidade é analisado por Merleau-Ponty², que tinha lido todos os artigos de Husserl sobre a corporeidade, e por Sartre que escreve o seu primeiro texto sobre o imaginário³.

Do ponto de vista histórico, podemos compreender como essas filosofias nascem da análise da existência, constituindo o *Existencialismo*, embora Husserl não fosse um existencialista. Num certo sentido, os existencialistas entram na questão dos atos, mas não seguem a análise de Husserl sobre a subjetividade, é neste ponto que se separam.

A questão mais importante é a de *como vamos examinar o ser humano*. Husserl vai ao interior, aos atos, às vivências para conhecer o sujeito que apreende o fenômeno, para poder conhecer as características do que está fora (não factualmente), mas conforme foi apreendido pelo sujeito, faz uma análise do ponto de vista do espírito. Os *existencialistas*, interessados nessa existência do ser humano, permanecem fora.

Merleau-Ponty é, entre os existencialistas, o mais próximo de Husserl, principalmente sua análise da corporeidade e suas primeiras obras mas não chega a falar

-
- 1 HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução de M. Sá Cavalcante. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 2 v. (Coleção Pensamento humano)
 - 2 MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos)
 - 3 SARTRE, J-P. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Tradução de D. Machado. São Paulo: Ática, 1996.

da dimensão do espírito tão explicitamente. Um de seus últimos textos, muito interessante, trata da natureza,⁴ retomando a comparação da natureza com as ciências da natureza.

Sobretudo no século 20, a filosofia francesa tomou um rumo diferente da alemã, tornando-se mais original. Há grandes diferenças filosóficas entre franceses e alemães, especificamente do ponto de vista histórico.

Examinar o ser humano como existente é uma escolha teórica, não é uma escolha histórica. No sentido fenomenológico, a escolha deveria ser feita tendo em vista a que resulta mais convincente. Lidar com todas as suas escolhas, lidar com quem justifica melhor o ser humano, é uma escolha teórica, porém para fazer uma escolha teórica é necessário conhecer o todo.

Uma tradição que, mesmo na Europa, está se perdendo é o estudo da História da filosofia. Alguns pensadores norte-americanos têm feito afirmações como se fossem descobertas e que pela primeira vez se estivesse falando naquilo, mas, na verdade, estão tratando de “coisas” que já foram ditas por Platão, Aristóteles e outros. A História da filosofia é uma comunidade de pesquisa, pois ninguém busca sozinho, portanto podemos falar em Platão agora.

4 MERLEAU-PONTY, M. *A natureza*. Tradução de D. Ségard, ed. de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OS ATOS ESPECÍFICOS DA BUSCA RELIGIOSA

Chamamos os atos intelectuais os racionais e também os atos morais ligados à vontade de espirituais, portanto quando queremos fazer alguma coisa, estamos tomando uma posição consciente, pois querer é tomar posição consciente. Mas a vida espiritual está ligada também aos *atos religiosos*, e pode se perguntar o que são os atos religiosos. Husserl diz que na consciência se encontram correntes, ou seja, *correntes de consciência*. A consciência é o estado de estar cômescio de, estar ciente de, portanto é o estado ciente dos atos que estamos realizando. Edith Stein diz isso de forma ainda mais bonita: “a consciência é uma luz interior que acompanha todos os atos.”

Os atos se movem num *fluir dos atos*, por exemplo, enquanto estamos fazendo esta análise, percebemos, refletimos, temos emoção, atenção... Se examinarmos nossos estados de ânimo, ainda que por pouco tempo, saberemos

que esses estados mudam. A chateação e o interesse, por exemplo, se alternam, ou seja, há um fluir de estados de alma, há uma corrente de atos como o fluxo de um rio.

As correntes de consciência nos remetem a um princípio absoluto¹, pois para nós, a consciência é um elemento absoluto indiscutível uma vez que não podemos sair da consciência. No entanto, os atos da nossa consciência nos permitem dizer que não somos absolutos, mas que deve existir alguma coisa de absoluto. Como se pode chegar a isso? Todos os atos têm uma característica, que nos indica também uma limitação, se num momento, fazemos isso não podemos fazer aquilo ou outra coisa, portanto somos conscientes de nossa limitação, mas, às vezes, queremos fazer algumas coisas que não conseguimos. Desejariamos não ter limites, até pensamos em alguma coisa sem limites, mas de onde nos vem esse pensar? Dizemos que somos limitados porque comparamos a nossa limitação com alguma coisa de ilimitado. Para captar a fronteira nós devemos estar fora, conceber algo além dela ou não veríamos a fronteira.

Isso significa que há correntes de consciência que nos dizem que nossos atos são importantes, mas são limitados, e que existe algo que nos transcende, e que o conhecimento dessa transcendência está em nós. Esse é um

1 Cf. ALES BELLO, A. *Edmund Husserl: pensare Dio, credere in Dio*. Padova: Ed. Messaggero, 2005.

tema que Santo Agostinho² e Santo Anselmo³ desenvolveram muito. A experiência religiosa é uma experiência de si e da experiência de que existe algo superior a si, portanto se a superação existe, ela é algo que está presente.

Anselmo D'Aosta afirma que este pensamento de algo que supera é o pensamento mais forte que podemos ter, não existe nada maior. Anselmo coloca essa questão em termos de pensamento, de *reconhecimento de uma experiência fundamental*. E Husserl⁴ aponta para isso quando diz que essas correntes de consciência devem levar a um Absoluto que está fora, que é transcendente, mas que também está dentro, no conhecimento da sua transcendência. Nós não poderíamos falar de uma transcendência ilimitada, se não soubéssemos já o que é uma transcendência ilimitada, pois, como seres limitados, não podemos elaborar um conhecimento ilimitado.

Entretanto, temos a marca do ilimitado dentro, isto é, uma corrente de consciência. Husserl diz que isso é um núcleo profundo de todas as experiências religiosas, sua raiz que, posteriormente, pode ser racionalizada filosoficamente. Segundo Anselmo, o ilimitado, como pensa-

2 AGOSTINHO DE HIPONA. *A trindade*. Tradução e introdução de A. Belmonte, notas de N. Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Patristica)

3 ANSELMO, D'Aosta. *Prologion*. Ed. e traduzione di G. Zuanazzi. Brescia: La scuola, 2002.

4 Cf. ALES BELIO, A. *Edmund Husserl: pensare Dio, credere in Dio*. Padova: Ed. Messaggero, 2005.

mento maior, não é somente um produto de nossa mente, mas corresponde à alguma coisa que existe realmente, senão não poderíamos tê-lo pensado. Stein⁵ trabalha muito com a prova de Santo Anselmo, dizendo que existe um pensamento originário de Algo que está presente e transcende; transcende na sua existência, mas que é presente em nós como marca, como rastro.

Já tratamos anteriormente do desenvolvimento do ser humano, daquela via objetiva através da qual a criança ou a espécie humana é conduzida a se desenvolve porque existe um projeto, uma meta, um *telos*. Mas pode-se perguntar qual é o projeto uma vez que o desenvolvimento humano não pode ser conduzido pela natureza mesma. Então deve ser conduzido por Deus, e é essa a *via objetiva e o projeto*. Essa, no entanto, é também a *via subjetiva*, que tem uma dupla validade: religiosa e filosófica, e que já estava presente no pensamento medieval em Santo Agostinho e em Santo Anselmo, e reflete racionalmente sobre o significado dessa experiência.

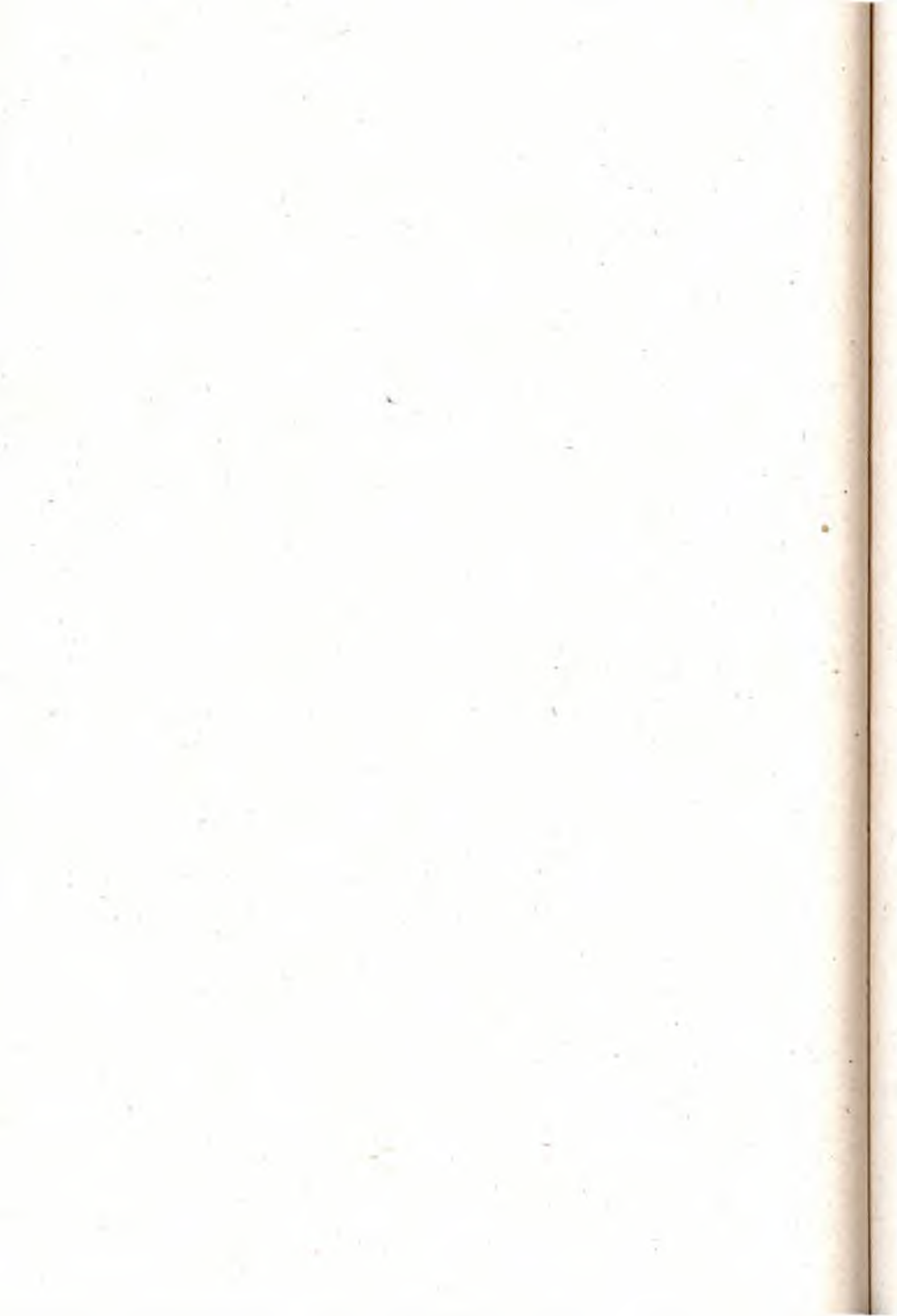
Porém o elemento fundamental é a experiência, e, aqui, se resolve também o problema da relação entre religião e filosofia, que está muito presente no pensamento medieval, existindo uma expectativa de se estabelecer uma singularidade entre ambas.

5 STEIN, E. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Traducción de A. Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

Do ponto de vista fenomenológico, se compreende porque a corrente de consciência de tipo religioso, que constitui a nossa experiência, pode ser objeto de uma reflexão de caráter racional. O ser humano pode refletir, e, portanto, racionalizar; trata-se da via subjetiva que se encontra em Santo Agostinho, Santo Anselmo, Descartes e também em Husserl.

Stein acrescenta ainda⁶ que na Idade Média, travaram-se grandes lutas para estabelecer qual seria a via mais valiosa – a objetiva ou a subjetiva – mas são lutas inúteis, pois o ser humano é limitado e todos os esforços são apenas tentativas de aproximação. Portanto, é necessário aceitar as diversas vias, buscando encontrar-se nelas e obter um ponto de vista mais amplo, superior. A dimensão religiosa consiste em buscar a Deus e buscar saber o que é Deus. Esta busca do ser humano é também intelectual, mas não se consegue realmente compreendê-Lo intelectualmente. Todas as formas são apenas tentativas de se aproximar, tentativas importantes, porém, sempre limitadas.

6 STEIN, E. *Ser finito y Ser eterno*: ensayo de una ascensión al sentido del ser. Traducción de A. Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO DE HIPONA. *A trindade*. Tradução e introdução de A. Belmonte, notas de N. Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Patrística)

ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998. Publicação original de 1997.

_____. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 2000. Publicação original de 1992.

_____. Human world-animal world: an interpretation of instinct in some late husserlian manuscripts. *Analecta husserliana*, LXVIII, p. 249-253, 2000.

_____. *L'universo nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl*, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: ETS, 2003.

_____. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Organização e tradução de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusp, 2004.

ANSELMO, D'Aosta. *Prologion*. Ed. e traduzione di G. Zuanazzi. Brescia: La scuola, 2002.

BRENTANO, F. *Psicologia dal punto di vista empirico*. Traduzione e ed. di L. Albertazzi. Bari: Laterza, 1997. 3 v. Publicação original de 1874.

DOSTOIEVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Tradução de B. Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2003. Publicação original de 1864.

GREUEL, M. V. *O problema da fundamentação do conhecimento: uma abordagem fenomenológica*. 1996. Disponível em: <<http://www.odiaetico.hpg.ig.com.br/filosofia/fundam.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2006.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução de M. Sá Cavalcante. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 2 v. (Coleção Pensamento humano). Publicação original de 1927.

HUSSERL, E. *Idee per una fenomenologia pura e una filosofia fenomenologica*. Organizzazione di V. Costa, traduzione di E. Filippini. Torino: Einaudi, 1965. v. II. Originais dos livros II e III publicados em 1952.

_____. *Investigationes Lógicas*. Traducción de J. Gaos. Madrid: Alianza, 1985. 2 v. Original publicado em 1901.

_____. *Philosophie de l'arithmétique: recherches, psychologiques et logiques*. Traduction, notes, remarques et index J. English. Paris: Presses Universitaires de France, 1972. Original de 1891.

_____. *Conferenze di Amsterdam: psicologia fenomenologica e fenomenologia trascendentale*. Traduzione e edizione di P. Polizzi. Palermo: Ila-Palma, 1988. Publicação original de 1928.

_____. *Investigações lógicas: sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. Tradução de Z. Loparic e A. M. A. C. Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores). Original publicado em 1901.

_____. *Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica*. 2. ed. Traducción de J. Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. Libro I. Publicação original de 1913.

_____. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução de F. Oliveira. São Paulo: Madras, 2001. Publicação original de 1931.

_____. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale: per un sapere umanistico*. Prefazione di E. Paci, introduzione di W. Biemel, traduzione di E. Filippini. Milano: Net, 2002. Originais de 1936, publicação original em 1938.

_____. *La storia della filosofia e la sua finalità*. Ed. e traduzione di N. Ghigi, prefazione di A. Ales Bello. Roma: Città Nuova, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. Tradução de C. A. R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos). Original publicado em 1945.

_____. *A natureza*. Tradução de D. Séglaard, ed. de A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Publicação póstuma, original de 1994.

SARTRE, J-P. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Tradução de D. Machado. São Paulo: Ática, 1996. Publicação original de 1936.

STEIN, E. *Il problema dell'empatia*. Introduzione e note di E. Costantini, presentazione di P. Valori, traduzione di E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985. Publicação original de 1917.

_____. *Ser finito y Ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Traducción de A. Pérez Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. Original de 1936, publicação póstuma em 1950.

_____. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 1999. Publicação original de 1922.

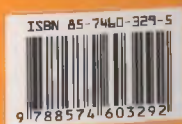
_____. *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Traduzione di A. Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999. Publicação original de 1925.

_____. *Introduzione alla filosofia*. Prefazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 2001. Originais de 1919 a 1932, publicação póstuma de 1991.

_____. *La estructura de la persona humana*. Madrid: BAC, 2003. Publicação original de 1932-1933.



“ Posso compreender o sentido das coisas? Esta é uma grande pergunta, e muito crítica também. A resposta de Husserl é que o ser humano pode compreender o sentido das coisas. Até a nossa experiência quotidiana nos diz que, para nos orientarmos, devemos saber qual é o sentido das coisas. Porém, aqui o discurso fica um pouco mais complicado, porque Husserl mostra que em relação a algumas coisas nós temos a capacidade de identificar o sentido imediatamente, enquanto em outras, temos mais dificuldade. Nós intuímos o sentido das coisas e para tratar desse tema, usamos a palavra, de origem latina, *essência*, portanto captamos a essência pelo sentido. Husserl usa também a palavra grega *eidos* (de onde vem a nossa palavra *idéia*, que, neste caso, não significa tanto um produto da mente, mas sentido), aquilo que se capta, que se intui. ”



FILOSOFIA & POLITICA